

Liliane de Andrade Calado

**A ciência no jornalismo
impresso**
**Análise das reportagens do suplemento
Milenium – Jornal Correio da Paraíba**

Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, 2006

Índice

Introdução	7
I Noções preliminares	13
1 Origens e perspectivas do jornalismo científico	15
1.1 Como tudo começou: Das cartas aos jornais . . .	15
1.2 Uma breve história do jornalismo científico no Brasil	18
1.2.1 O desenvolvimento: Dos anos 80 até a atualidade	20
1.3 Afinal, o que é o jornalismo científico?	22
1.3.1 Jornalismo científico ou divulgação	23
1.4 Desafios da prática do Jornalismo Científico na contemporaneidade	25
O papel do jornalismo científico na sociedade . .	27
II Configurações do jornalismo científico em João Pessoa	29
2 A ciência no suplemento Milenium	31
2.1 O jornal Correio da Paraíba: Do surgimento a atualidade	31
3 O Suplemento Milenium	35

4	O gênero jornalístico reportagem	41
4.1	Reportagem <i>versus</i> notícia	43
4.2	A reportagem no Milenium: características gerais	45
4.3	Análise das reportagens do Milenium	48
	4.3.1 A ciência a serviço da vida	48
	4.3.2 A tecnologia como fonte de inovações . . .	77
III	Um diálogo entre cientistas e jornalistas	93
5	Os dois lados da moeda	95
6	Cientistas e jornalistas: atividades divergentes	99
6.1	A linguagem jornalística <i>versus</i> a linguagem ci- entífica	102
6.2	Reclamações de ambos os lados	114
7	Pontos de convergência	121
	Considerações finais	125
	Referências	129

*Monografia apresentada à Universidade Federal da Paraíba em
cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel
em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.*

Resumo

Este trabalho busca contribuir para a compreensão da temática Jornalismo Científico, mais especificamente do conteúdo científico produzido em um suplemento, da cidade de João Pessoa, que objetiva a divulgação de informações sobre Ciência e Tecnologia. O suplemento Milenium, do jornal Correio da Paraíba, desta forma é compreendido como um exemplo de produção científica no cenário paraibano. A temática é de grande relevância para o contexto mundial e brasileiro, já que essa categoria jornalística perscruta a difusão de informações científicas, e por isso contribui para suscitar conhecimento à sociedade, bem como age como uma fonte de reflexões sobre os avanços e desdobramentos da ciência e suas repercussões na vida da Humanidade. O trabalho tem como finalidade compreender algumas perspectivas do Jornalismo Científico, investigando elementos que decompõe sua essência, buscando também refletir sobre o gênero reportagem de acordo com parâmetros que delimitam e caracterizam essa categoria do Jornalismo.

Palavras-chave: Jornalismo, Jornalismo Científico.

Abstract

This paper seeks to contribute on the Scientific Journalism area comprehension, more specifically approaching the scientific content developed in a newspaper section of the city of João Pessoa, which aims on the Science and Technology dissemination. The Milenium section is, in this way, understood as an example of scientific production in the journalistic background of Paraíba. The thematic is very relevant to the Brazilian and worldwide context, for this category of journalism permeates the broadcasting of scientific information, therefore contributing to edify knowledge into society, as well as acting as a source of reflections inside the advancement and dissemination of science and its repercussions on Mankind's life. This work has its goal on the comprehension of some perspectives of Scientific Journalism, investigating the elements that decompose its essence, seeking to reflect the Article genre in accord to guidelines that delimits and characterizes this category of journalism.

Key-words: Journalism, Scientific Journalism.

Introdução

Ciência e Jornalismo: duas palavras que atuam e interferem intensamente na vida das pessoas. Pois, se por um lado, a cada dia a ciência e suas inúmeras aplicações causam mudanças significativas para o contexto da sociedade, da mesma forma o jornalismo delimita suas contribuições como um meio de informação para os cidadãos – entendendo a informação como imprescindível à geração de conhecimento. Dessa forma, como bem assinala o teórico Hernando Calvo (1990), a Ciência e o Jornalismo são duas grandes forças da Humanidade.

No limiar da relação Ciência e Jornalismo emerge uma categoria específica que trata da divulgação da primeira e procede de acordo com os parâmetros que tipificam o Jornalismo em sua plenitude. Neste caso, o jornalismo científico entremeia o “mundo da ciência” com a realidade jornalística, buscando divulgar o conhecimento científico.

A história do jornalismo científico tem suas origens fecundadas a partir do interesse e da curiosidade do público por informações sobre a ciência. Esse foi o ponto de partida para a publicação e divulgação de correspondências de cunho científico resguardadas entre especialistas e pesquisadores do século XVI. O conteúdo dessas cartas revela os alicerces dessa categoria jornalística e principia o surgimento da profissão de jornalista científico.

No século XIX, as duas grandes guerras mundiais delinearão a expansão do jornalismo científico, como fonte de informação acerca de novos inventos e experiências científicas criadas no período entre-guerras, tais como; as bombas nucleares. Período que

marcou o desenvolvimento da atividade do jornalismo científico, já que, por exemplo, provocou a ascensão de jornalistas específicos para a cobertura de assuntos sobre as áreas da física e da química. Da mesma forma, fez emergir entre jornais da época, a criação de editorias específicas sobre ciência e tecnologia.

No cenário brasileiro, a biografia do jornalismo científico foi influenciada pelo atraso econômico do país, graças a resquícios e frutos da colonização imposta por Portugal, que proporcionaram lacunas incipientes quanto à produção científica brasileira, inibindo a divulgação da mesma para a sociedade.

De acordo com teóricos, a década de 80 marcou um período de crescimento relevante da produção de jornalismo científico no Brasil, em virtude do surgimento de revistas, programas de televisão e editoras especializadas que destacavam informações científicas, tanto em contexto internacional quanto nacional.

Nos últimos anos é perceptível, que a categoria jornalismo científico vem gradativamente se difundido e se profissionalizando no Brasil, graças à contribuição das Universidades, com a criação e consolidação de cursos de especialização, congressos e seminários sobre a temática, bem como estimulando a pesquisa científica e a divulgação desta para a sociedade.

De acordo com o contexto apontado, esta pesquisa se justifica essencialmente, graças aos aportes da Universidade Federal da Paraíba, por meio de nossa experiência em um programa da TV Universitária, que esmera a divulgação científica – “Conexão Ciência”, o qual despertou nosso interesse em pesquisar a temática, e da mesma forma nos incentivou a buscar uma compreensão sobre a delimitação do jornalismo científico, na cidade de João Pessoa.

Partindo dessa perspectiva, primeiramente delimitamos como objeto de estudo, o Jornal Correio da Paraíba, e, em seguida recolhemos amostras do suplemento Milenium – parte integrante do periódico escolhido –, no qual se destaca grande número de reportagens e notícias sobre ciência e tecnologia. O suplemento é

entendido como uma amostra de produção científica no cenário paraibano.

Desta forma, nos detemos a analisar apenas um gênero jornalístico produzido no Milenium: a reportagem. O suplemento circula apenas aos domingos e por isso determinamos as amostras de nossa pesquisa entre os meses de agosto e outubro, totalizando treze edições. Dessas treze edições escolhemos para a análise duas reportagens de cada suplemento, completando um número de vinte e seis reportagens.

O critério de escolha das reportagens foi baseado nas seguintes questões: demos prioridade à divulgação de assuntos e pesquisas desenvolvidas no Estado da Paraíba e também as reportagens destacadas na capa do suplemento.

A princípio para dar início ao estudo, escolhemos a forma monográfica como meio de contemplação da pesquisa, já que em nosso entendimento este formato é adequado e coerente para expressar teorias e discutir o conteúdo que envolve os assuntos pertinentes à temática do jornalismo científico. Ferreira (1994, p. 22) conceitua esse tipo de trabalho acadêmico e destaca características do mesmo:

A monografia consiste de um estudo bem desenvolvido, formal, discursivo e concludente. É uma exposição lógica e reflexiva, seguindo uma estrutura metódica que inclui: Introdução, Corpo de Discussão e Conclusão. Redigida em linguagem objetiva sobre assuntos preciosos, acerca dos quais o autor tem a oportunidade de expor suas idéias e conclusões.

Assim sendo, o propósito da presente monografia foi primeiramente a compreensão do conceito de jornalismo científico, bem como o entendimento das características do gênero reportagem no suplemento Milenium, levando em conta as perspectivas dessa categoria jornalística. Em seguida, buscamos a compreensão sobre as configurações e delimitações da relação jornalista e cientista – personagens que determinam a produção do jornalismo científico.

Para isso, fez-se necessária a construção de uma pesquisa exploratória, a partir de um levantamento bibliográfico. Neste sentido recorreremos a Gil (1999, p. 43) por apontar que “as pesquisas exploratórias têm como finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Com essa ferramenta metodológica, pretendemos explorar literaturas referentes ao jornalismo científico e da mesma forma buscar um maior conhecimento sobre os conceitos relacionados aos fenômenos estudados. E em um segundo momento, nos debruçamos acerca de uma pesquisa explicativa, baseada nas análises das reportagens escolhidas no período informado. Segundo Alves (2003), a pesquisa explicativa tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos, em sua relação de causa e efeito.

Executada a pesquisa explicativa, partimos para a elaboração das considerações finais, ressaltando os desdobramentos e contribuições da pesquisa para o campo do jornalismo científico. E dessa forma, a partir da definição do objeto de estudo e da delimitação metodológica, dividimos o trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, abordamos as questões pertinentes a história e desenvolvimento do jornalismo científico no mundo e no Brasil, destacamos teóricos que ressaltam conceitos sobre a temática, bem como, realçamos alguns pontos acerca dos desafios e das funções dessa categoria jornalística.

No segundo, resgatamos a história do Jornal Correio da Paraíba e conseqüentemente do suplemento Milenium, abordamos alguns conceitos acerca do gênero reportagem e; realizamos as análises das reportagens previamente eleitas. Na parte das análises, concentramos as observações no debate acerca das informações veiculadas na matéria, bem como delimitamos características de cada uma delas, sempre buscando entender configurações da produção de jornalismo científico.

O terceiro capítulo estabelece um diálogo entre cientistas e

jornalistas, objetivando vislumbrar perspectivas, críticas e reclamações apontadas por cada um deles, entendidas como pontos de uma dicotomia entre essas duas atividades e que conseqüentemente instauram conflitos entre ambos.

Para o desenvolvimento desse terceiro capítulo, realizamos entrevistas com cientistas e jornalistas que nos proporcionaram subsídios para considerações sobre a questão, e da mesma forma como exemplificação do contexto do jornalismo científico em sua plenitude.

Por fim, tecemos mais algumas considerações acerca das principais características apresentadas no desenvolvimento da pesquisa e também relacionamos algumas questões apreendidas no decorrer do desenvolvimento do estudo e as relacionamos com as visões teóricas apontadas no primeiro capítulo.

Parte I

Noções preliminares

Capítulo 1

Origens e perspectivas do jornalismo científico

“A ciência e o jornalismo são as duas grandes forças do mundo moderno”. (Manuel Calvo Hernando)

1.1 Como tudo começou: Das cartas aos jornais

Narrativas de amor contadas por meio de cartas são triviais na História da humanidade. Da mesma forma, muitas histórias sobre a ciência e seus desdobramentos também foram contadas e transportadas por meio de correspondências. O conteúdo dessas cartas revela os alicerces do jornalismo científico.

Segundo Burkett (1990) a redação científica tem suas origens em um sistema de comunicação secular que se iniciou no século XVI e se difundiu por meio de trocas de correspondências entre cientistas.

No século XVI, a censura imposta pela Igreja e pelo Estado diante da realização de pesquisas e descobertas científicas fez com que muitos cientistas organizassem reuniões secretas para trocas de informações científicas. “Das reuniões desses grupos de elite

que compreendia nobres, eruditos, artistas e mercadores, brotou a tradição da comunicação aberta e oral sobre assuntos científicos” (BURKETT, 1990, p. 27). Essas reuniões culminaram na criação de sociedades científicas que se desenvolveram em Roma, Florença, Londres, Berlim e nos Estados Unidos, no período de 1603 a 1863.

A comunicação entre as sociedades científicas espalhadas por variados países se realizava por meio da circulação de cartas. Burkett (1990, p. 27) explica o uso das cartas como configuração de comunicação dos cientistas. “Os cientistas preferiam as cartas (com frequência impressas, de modo que cópias pudessem ser enviadas a vários cientistas) porque os funcionários dos governos eram menos inclinados a abrir o que parecia ser uma correspondência ordinária”.

Foi a partir da publicação dessas cartas que relatavam descobertas da ciência que surgiu o jornalismo científico. Em 1665, o secretário da sociedade científica *Royal Society*, *Henry Oldenburg* deu início a publicação do periódico *Philosophical Transactions*, considerado pioneiro na divulgação de textos sobre experiências científicas. O periódico era composto pela tradução e transcrição de várias cartas, textos científicos e atas de variadas sociedades científicas. Oliveira (2005, p. 19) ressalta que a partir das publicações idealizadas por *Oldenburg* surgiu a profissão de jornalista científico: “A combinação do caráter informal e fragmentado das cartas foi logo percebida por *Oldenburg*, que com sua capacidade empreendedora inventou assim a profissão de jornalista científico”.

Segundo Burkett (1990), o conteúdo das publicações científicas, da época, podia ser compreendido por qualquer pessoa pouco letrada. O autor ainda realça que o crescente interesse dos leitores por assuntos científicos se configura em um fator de expansão para o surgimento de novas versões de jornais e revistas que relatavam e descreviam descobertas e informações científicas.

No século XIX, as duas grandes guerras mundiais se delinearam como fatores que consolidaram o crescimento do jornalismo

científico. Para Veras Júnior (2005) a experiência da primeira Guerra Mundial e a ascensão dos Estados Unidos como potência tecnológica aumentaram o interesse do público pela ciência, já que as novas tecnologias desenvolvidas em função desses ocorridos causava euforia à sociedade. Burkett (1990, p 36) enfatiza essa perspectiva apontada por Veras Júnior afirmando que: “A guerra produziu milhões de homens e mulheres ansiosos para serem educados nessas novas ciências”.

Burkett (1990) ainda ressalta que na Primeira Guerra Mundial, os jornalistas escreveram e glamorizaram sobre as descobertas da química industrial e na Segunda Guerra Mundial sobre o poder da física e suas contribuições para a formação de bombas nucleares.

Logo após o término das guerras, os jornais passaram a dar mais ênfase à cobertura jornalística sobre ciência e tecnologia e à publicação de matérias sobre o desenvolvimento de novos inventos, tais como: gases explosivos e venenosos, sobre a energia nuclear e a eletrônica, o desenvolvimento da penicilina e da propulsão a jato, dentre outros.

Oliveira (2005, p. 20) observa ainda que após o período entre-guerras surgiram as primeiras associações de jornalismo científico:

As duas guerras mundiais certamente contribuíram para o avanço do jornalismo científico na Europa e nos Estados Unidos. Tanto que após a Primeira Guerra Mundial, jornalistas dos dois continentes, ávidos por reunir informação e conhecimento para interpretar as novas tecnologias bélicas criaram as primeiras associações de jornalismo científico.

No século XX, o desenvolvimento tecnológico movido por grandes descobertas e experimentos, como por exemplo, novos medicamentos e vacinas tornaram-se temas recorrentes nos meios de comunicação. Gomes (2003) enfatiza que a partir da segunda metade do século XX, as grandes novidades científicas passaram

a ser divulgadas na imprensa, em maior proporção que em qualquer outro período da História, não só pelo fato de a imprensa estar adquirindo cada vez mais espaço e importância na sociedade, mas também devido as novas e aceleradas descobertas científicas e tecnológicas.

Bertolli Filho (2006, p. 1) destaca a importância dos meios de comunicação na divulgação da ciência para a sociedade:

A mídia passou a desempenhar a função estratégica de fornecedora de informações científicas, as quais permitem que todos se sintam minimamente afinados com as questões centrais de um mundo que, sob a égide da ciência e da tecnologia mostra-se em contínuas e rápidas transformações.

Atualmente o jornalismo científico é uma categoria jornalística consolidada no cenário mundial. De um sistema de comunicação secular difundido pela simplicidade de trocas de cartas sobre temas de ciência, o jornalismo científico é, hoje, um campo do jornalismo imprescindível para a sociedade contemporânea, movida por uma velocidade sem precedentes quanto à criação de novos inventos e descobertas.

Além disso, a informação científica se configura como uma questão essencial para a geração de conhecimento, por isso, o jornalismo científico pode suprir a carência do desconhecimento e da falta de informação do público quanto aos desdobramentos e conseqüências dos avanços da ciência.

1.2 Uma breve história do jornalismo científico no Brasil

Para a compreensão da história do jornalismo científico no Brasil é necessário retornarmos às raízes históricas do surgimento da imprensa brasileira. O advento da imprensa surgiu tardiamente no

Brasil, apenas no reinado de D. João VI quando foi revogada uma lei que proibia à impressão de livros.

Enquanto na Europa e nos Estados Unidos o século XIX foi marcado como um período de grande efervescência da divulgação da ciência e do jornalismo científico, no Brasil a corte portuguesa se instalou no início do século e só então resolveu suspender a proibição de imprimir livros e jornais. (OLIVEIRA, 2005, p. 27).

Após a revogação dessa lei foi instalada uma oficina de impressão no Brasil, cujo objetivo era a reprodução de papéis e documentos diplomáticos. Segundo Sodré (1977), nessa oficina, no dia 10 de setembro de 1808 foi produzido o primeiro número do periódico *Gazeta do Rio de Janeiro*, dirigido pelo frei Tibúrcio José da Rocha. No entanto, três meses antes, independente do poder oficial, Hipólito da Costa fundou o jornal *Correio Braziliense*. Apesar de produzido em Londres, esse periódico foi considerado o marco inicial da imprensa brasileira.

Oliveira (2005) relaciona as origens do atraso científico e tecnológico do Brasil ao tipo de colonização imposta ao país, voltada apenas para a exploração em detrimento à expansão. Por isso, segundo a autora, a produção de pesquisas científicas brasileiras foi incipiente até o século XIX.

Assim sendo, Oliveira (2005, p. 29) destaca que apenas a partir da década de 1940, o Brasil passou a investir progressivamente em pesquisas científicas: “A instituição da ciência no Brasil operou-se como em outros países, bastante influenciada pelo término da 2^o Guerra Mundial e pelo grande impacto que a força do avanço tecnológico demonstrada pelos aliados causou em todo mundo”.

Para alguns autores, como Veras Júnior (2005, p. 72), o jornalismo científico brasileiro se desenvolveu de acordo com surgimento do próprio jornalismo:

Muitos dos que procuram identificar um marco na história do jornalismo que definisse quando começou a difusão de informações científicas pelos meios de comunicação brasileiros preferem aderir à tese de Solla Price¹, segundo a qual o jornalismo científico começa com o próprio jornalismo.

O autor ainda afirma que nos primeiros jornais brasileiros já existia divulgações de matérias relacionadas à ciência, como por exemplo: o jornal O Patriota, em 1813, o jornal Nictheroy, em 1836, e o jornal O Guanabara, em 1850. Outra publicação importante para o cenário do jornalismo científico brasileiro foi a revista Observatório, fundada em 1886, pelo Observatório do Rio de Janeiro, com o objetivo de divulgar descobertas no campo da astronomia, meteorologia e física.

Barichello e Garcia (2003) realçam também que o primeiro número do jornal O Estado de São Paulo (1875) publicou uma sessão específica sobre ciência – *Secção Científica*. No entanto, só em décadas posteriores é que o jornalismo científico brasileiro começou a ser definir e se expandir no país.

1.2.1 O desenvolvimento: Dos anos 80 até a atualidade

A década de 1980 marca um período de crescimento significativo do jornalismo científico no Brasil. Eventos de repercussão internacional influenciaram esse desenvolvimento, como por exemplo, a passagem do cometa Halley, a descoberta da supercondutividade, as viagens espaciais, dentre outros.

Outro fator de grande relevância para o crescimento do jornalismo científico brasileiro foi o surgimento de novas revistas

¹ Derek John de Solla Price, teórico britânico, cujos estudos focalizam a área de Ciência da Informação, ver: http://en.wikipedia.org/wiki/derekjdesolla_price. Acesso em: 05 de nov. de 2006.

especializadas em ciência; como a *Ciência Hoje* e a *Ciência Ilustrada*.

Oliveira (2005) ressalta que na década de 1990 foram projetadas no cenário nacional, revistas como “*Globo Ciência*” e “*Superinteressante*”. “Além disso, surgiram programas de televisão como o *Globo Ciência* (TV Globo) e *Estação Ciência* (da antiga TV Manchete), e já eram freqüentes as manchetes sobre C&T também nos noticiários televisivos do dia-a-dia”. (OLIVEIRA, 2005, p. 38).

Aos poucos nos anos seguintes a década de 1990, algumas editorias de jornais gradativamente deram mais espaço para a produção jornalística nas áreas científica e tecnológica. Cavalcanti (2003) destaca que a partir dessa década, jornais de grande repercussão nacional, tais como; o *Globo* e o *Jornal do Brasil* – ambos do Estado do Rio de Janeiro passaram a manter uma página diária de matérias de cunho científico. O *Jornal do Commercio* – do estado de Pernambuco – conserva até hoje, uma sessão específica sobre *Ciência e Tecnologia*.

Nos últimos anos, o jornalismo científico brasileiro tem se profissionalizado graças à contribuição das Universidades, com a criação de cursos de especialização nos Programas de Pós-graduação. Os aportes da instituição acadêmica são fundamentais para reflexões mais profundas acerca da prática do jornalismo científico, abrindo espaço para discussões e incentivando a pesquisa científica e a divulgação desta para a população.

No entanto, vale ressaltar que a presença do jornalismo científico nas Universidades brasileiras, mais especificamente nos cursos de jornalismo ainda é escassa, o que dificulta a formação e profissionalização de comunicadores na área do jornalismo científico. Torna-se imprescindível um “olhar” mais atento e atuante por parte das Universidades, no que diz respeito à formação de jornalistas que almejam atuar nas áreas científicas e tecnológicas.

França (2005, p. 39) destaca que a demanda de profissionais que atuam no campo do jornalismo científico cresceu. “Aos poucos, o jornalismo científico ganhou características próprias e mão-

de-obra específica. Com o tempo, formou-se uma geração de profissionais interessada em ciência e disposta a investir sua carreira nesta área”.

Oliveira (2005) nos alerta para o fato de que nos meios de comunicação brasileiros existe um gradativo número de informações científicas disponíveis, no entanto a qualidade precisa melhorar. Pois, não adianta manter uma página diária de informações sobre ciência, se, por exemplo, o conteúdo não é claro e objetivo para o leitor. Por isso, é fundamental que o jornalismo científico não fique restrito apenas a tradução de conteúdo científico, mas permita uma reflexão e análise mais apurada sobre os fatos que permeiam o cotidiano da ciência.

1.3 Afinal, o que é o jornalismo científico?

Uma questão aclamada por muitos pesquisadores diz respeito à conceituação do termo jornalismo científico.

Burkett (1990) relaciona o jornalismo científico à divulgação de eventos científicos realizados por cientistas. Veras Júnior (2005, p. 45) destaca de forma sucinta: “a expressão jornalismo científico é geralmente designada aos profissionais da informação (repórteres e editores) que trabalham em veículos especializados”.

Bueno acrescenta ao conceito de jornalismo científico características inerentes ao próprio jornalismo e por isso em conformidade com os procedimentos rotineiros desta atividade: “O jornalismo científico diz respeito à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa de acordo com os critérios e o sistema de produção jornalístico”.²

Sob o mesmo ponto de vista Bertolli Filho (2006) condiciona o entendimento sobre o jornalismo científico, as condições presentes no cotidiano do jornalismo propriamente dito, tais como; o

² BUENO, Wilson da Costa. O que é Jornalismo Científico? Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm>>. Acesso: 10 de out. de 2006

contato com as fontes, a obtenção e checagem de informações, a formatação do texto noticioso. Tais elementos delimitam o jornalismo científico como:

Um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras do jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano lingüístico, por uma operação que torna fluída a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado. (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 4).

Pippi e Peruzzolo (2003) realçam que o jornalismo científico enquanto prática jornalística voltada para os temas da ciência utiliza-se das mesmas características do fazer-jornalístico voltado para qualquer outro tema ou assunto. Por isso, a apuração, a redação e edição de notícias e reportagens são idênticas porque o jornalismo é um só, no entanto, dependendo da especificidade do tema envolvido, os passos para a produção podem variar.

É neste contexto que Bueno³ afirma que o jornalismo científico depende de alguns parâmetros que tipificam o próprio jornalismo, tais como a periodicidade, a atualidade e a difusão coletiva. O jornalismo enquanto atividade profissional, modalidade de discurso e forma de produção tem características próprias e gêneros próprios.

1.3.1 Jornalismo científico ou divulgação

São triviais as referências que invocam os termos jornalismo científico e divulgação científica como sinônimos, no entanto essas expressões não correspondem ao mesmo significado, como bem ressalta Bertolli Filho (2006) ao entender que a divulgação

³ BUENO, Wilson da Costa. O que é Jornalismo Científico? Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/conceitojornacientifico.htm>>. Acesso: 10 de outubro de 2006.

científica abriga em sua essência um grande número de iniciativas disseminadoras do conhecimento, podendo abranger variadas modalidades de comunicação, desde uma conversa informal até exposições em museus, apresentações teatrais e livros didáticos, dentre outros.

Desta forma a divulgação científica contempla o próprio jornalismo científico que pode ser compreendido como um caso particular da mesma, uma forma de divulgação sedimentada em padrões estabelecidos como próprios do jornalismo.

Veras Junior (2005) enfatiza um antagonismo histórico entre os conceitos de divulgação científica e jornalismo científico, caracterizando o primeiro termo como uma designação dada a grupos de cientistas e pesquisadores acadêmicos que trabalham com a propagação da informação científica, mas que não são formados em comunicação social. Desta forma considera que, a divulgação científica contempla as informações que não são produzidas por profissionais de comunicação social, mas por cientistas que almejam divulgar suas pesquisas.

Nessa perspectiva, percebemos que para o autor, o profissional que produz a informação científica é que determina as diferenças conceituais entre divulgação científica e jornalismo científico, pois, para o mesmo, o jornalismo científico é a expressão geralmente designada aos profissionais da informação (repórteres, editores) que trabalham em veículos especializados.

No entanto, acreditamos ser insuficiente para diferenciar os conceitos de divulgação científica e jornalismo científico o fato de o profissional responsável pela produção da informação científica ser ou não um jornalista ou cientista. Compreendemos a perspectiva de Bertolli Filho ao entender que a divulgação científica abrange variadas iniciativas de propagação do conhecimento científico e por isso independe do profissional que a produz.

Neste sentido, merece destaque ainda o conceito de disseminação científica, que se “caracteriza como uma forma de transferência de informações científicas e tecnológicas transcritas em códigos especializados, a um público seletivo, formado por especi-

alistas”. (BUENO, 1984, p. 16). Desta forma, a disseminação científica tem como público alvo, especialistas, pesquisadores e cientistas. São exemplos de disseminação científica, as revistas científicas, as comunicações e ensaios apresentados em eventos científicos, dentre outros.

Cada uma dessas categorias, a divulgação científica, o jornalismo científico e a disseminação científica contribuem para a difusão do conhecimento científico e desta forma se desenham como relevantes para a propagação e conhecimento da ciência.

1.4 Desafios da prática do Jornalismo Científico na contemporaneidade

Atualmente, o jornalismo científico encontra-se em um estágio de grande disseminação, o que torna cada vez mais necessária a reflexão acerca dos desafios dessa categoria jornalística. Não é à toa que a literatura sobre o jornalismo científico chama a atenção para o grande número de dificuldades para a prática dessa especialidade.

No entendimento de Bertolli Filho (2006) o grande desafio do divulgador científico e do jornalista científico é vencer as barreiras do analfabetismo científico, que a princípio parte do próprio jornalista.

O jornalismo não foge a esta regra e, se é comum invocar-se o despreparo do público para entender os fatos e os conceitos empregados pelos cientistas, é necessário se ressaltar que os próprios profissionais de comunicação tendem a demonstrar o mesmo ou até superior (des) conhecimento. (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 9).

A busca por uma harmonia entre a ciência e a compreensão popular se delinea em um fator fundamental para a atividade do

jornalismo científico. Nesse aspecto a capacitação acadêmica dos jornalistas que pretendem atuar no campo do jornalismo científico é muito importante para uma prática mais reflexiva e interpretativa da ciência, almejando entendê-la para então divulgá-la de forma clara e objetiva para o público.

Nesta perspectiva, surge um outro desafio do jornalismo científico, o relacionamento entre cientistas e jornalistas, que muito influencia o processo de entendimento da informação científica. Oliveira (2005) contextualiza essa problemática destacando que na redação de uma matéria científica, o jornalista muitas vezes apenas repete o que copiou durante a entrevista com o pesquisador, ou tenta traduzir o que não entendeu. Neste contexto, algumas vezes os meios de comunicação veiculam informações incompreensíveis ou com conteúdo impreciso ou incorreto ao público.

Essa relação de conflito entre jornalistas e cientistas é delimitada por reclamações de ambas as partes acerca da produção e veiculação da informação científica. De um lado, os pesquisadores denunciam a falta de atenção e conhecimento básico dos jornalistas, o que proporciona interpretações e simplificações errôneas. Em outra via, os jornalistas reclamam que os cientistas se mantêm intransigentes e relutam em fornecer informações, além de utilizarem terminologias científicas, que dificultam a compreensão sobre o assunto.

Bueno nos alerta também sobre os interesses econômicos e políticos que permeiam a atividade do jornalismo científico. Os inventos e descobertas científicas estão diretamente ligados aos interesses de grandes empresas e o marketing constitui-se em um fator fundamental de legitimação das atividades desenvolvidas pela ciência (sobretudo as financiadas com o dinheiro público) e do lucro das companhias que lançam no mercado grande variedade de produtos tecnológicos.

Os desafios do jornalismo científico no século XXI não são pequenos. Simplesmente porque a eles se vinculam interesses poderosos, situados nos campos

da ciência e da indústria da comunicação. Cabe ao jornalista estabelecer parcerias, mobilizar consciências, consolidar a sua competência informativa, munir-se de coragem e espírito crítico para enfrentá-los.⁴

Essa perspectiva apontada por Bueno enfatiza a necessidade de mudanças no sentido de vencer os desafios assinalados, e realça uma postura mais crítica por parte dos jornalistas quanto à produção da informação científica.

O papel do jornalismo científico na sociedade

É inegável a relevância do conhecimento científico e do desenvolvimento tecnológico para o mundo atual, bem como a importância da divulgação científica e do jornalismo científico – como meios de informar o público. Neste contexto, Oliveira (2005, p. 43) destaca:

O casamento maior da ciência e do jornalismo se realiza quando a primeira, que busca conhecer a realidade por meio do entendimento da natureza das coisas, encontra na segunda fiel tradutor, isto é, o jornalismo que usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade.

Assim sendo, a informação científica contribui para a geração de conhecimento. É nessa perspectiva que a atividade do jornalismo científico pode ter um caráter educativo, cujo eixo principal é a popularização da ciência, trazendo à tona as conseqüências dos avanços científicos, a divulgação de descobertas e pesquisas, muitas vezes, “guardadas” nos muros das Universidades, a propagação das políticas científicas e outras.

⁴ BUENO, Wilson da Costa. Os novos desafios do Jornalismo Científico. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo9.php>. Acesso em: 10 de out. de 2006.

Desmistificar a idéia de que a ciência está distante da sociedade e promover uma aproximação desta com a realidade do público também se configura como uma característica de caráter educativo do jornalismo científico, como assinala Oliveira (2005, p. 54): “O jornalismo científico contribui para diminuir a distância entre o cidadão comum e a elite científica”. Da mesma forma, a autora ressalta que a desmistificação do estereótipo do pesquisador científico e o processo de alfabetização científica estão entre as colaborações do jornalismo científico para a sociedade.

Barichello e Garcia (2003, p. 123) afirmam que o jornalismo científico cumpre um papel de grande contribuição para o conhecimento sobre a atuação das descobertas científicas na vida dos cidadãos: “Embora pareçam distante, restritas aos laboratórios e parte de um universo que poucos entendem, as descobertas científicas podem representar desde melhorias na qualidade de vida, ganhos econômicos, até apreensão e temor”. Por isso a necessidade de que as pessoas sejam informadas a respeito das conseqüências das descobertas científicas e da forma como elas podem influenciar suas vidas.

Bueno (1985, p. 424) ressalta várias funções do jornalismo científico, como por exemplo, “trazer à compreensão da sociedade quais as relações entre os acontecimentos, de forma a se oferecer inteligibilidade possível sobre ocorrências do cotidiano”. Para o autor, além do caráter informativo e educativo, essa categoria jornalística exerce funções sociais, culturais, econômicas e político-ideológicas.

Oliveira (2005) enfatiza que o jornalismo científico pode ser compreendido como um agente facilitador na construção da cidadania, pois cidadãos bem informados podem melhor discernir e opinar sobre questões relacionadas à ciência e à tecnologia e assim entender a extensão destas em sua vida.

Parte II

Configurações do jornalismo científico em João Pessoa

Capítulo 2

A ciência no suplemento Milenium

“O Milenium é um caderno de aposta do Correio da Paraíba”.
(Jãmarri Nogueira)

2.1 O jornal Correio da Paraíba: Do surgimento a atualidade

O jornal Correio da Paraíba foi fundado por Teotônio Neto, em agosto de 1953. E tinha como dirigentes principais; Gumercindo Cabral, Geraldo Sobral e Afonso Pereira; este último foi o responsável pela nomeação do periódico.

De acordo com Araújo (1986), a princípio a periodicidade do Correio da Paraíba era semanal, passando rapidamente a ser diária, em virtude do sucesso alcançado entre o público leitor paraibano. A autora informa que o salário dos funcionários do Correio da Paraíba era superior ao dos jornais concorrentes, e esta era uma circunstância que o fazia destacado entre os demais periódicos da época, como também, a distribuição de sucursais em diversas cidades brasileiras e no interior paraibano.

A variedade de opiniões e a liberdade de pensamento foram

características enfatizadas por Araújo (1986) como elementares durante o desenvolvimento do Correio da Paraíba. Nessa perspectiva merece proeminência a cobertura realizada pelo jornal, do último dia do governo José Américo, na qual se destacava uma matéria completa sobre o episódio, realçando um flash-back dos momentos mais decisivos da administração e a repercussão do fato para o Estado.

Em 1958, a seca era o tema principal das manchetes do Correio da Paraíba que destacava o combate a situação de emergência de muitos municípios da Paraíba.

Na edição de 5 de novembro de 1958, lá está estampado: A SECA DO NORDESTE – “A Paraíba e Rio Grande do Norte vivem por milagre – de manchete, era a declaração do governador riograndense, Dinarte Mariz, que pedia ao presidente Juscelino Kutschick para regularizar o fornecimento de gêneros alimentícios, para que o povo não morresse de fome. (ARAÚJO, 1986, p. 289).

Segundo informa Araújo (1986, p. 290) durante a década de 1960, período da Ditadura Militar, o Correio da Paraíba teve uma atuação exemplar na cobertura dos acontecimentos. “Se não podia ‘gritar’, também não se ‘encolhia’. Tampouco parecia estar à venda ou a serviço da ditadura armada”. Assim sendo, a autora (1986, p. 290) enfatiza que até meados de 1968, o Correio da Paraíba podia ser compreendido como “o melhor jornal da Paraíba, em termos de independência político-ideológica”, já que apresentava a publicação de matérias que suscitavam o questionamento e o esclarecimento verdadeiro dos fatos.

No entanto, no início dos anos 70, a qualidade editorial do Correio decaiu. De acordo com Araújo (1986) o diretor da época, Soares Madruga, relacionou esse declínio a fatores econômicos ocasionados em função da instalação da Rádio Correio, em 1968, o que provocou débitos e prejuízos, que por sua vez, dificultaram

a instalação de equipamentos mais modernos para impressão do jornal, como o fizeram os outros periódicos de João Pessoa.

De forma diferente, Aluísio Moura, superintendente do Correio entre os anos de 1978 e 1979, atribui à decadência editorial do jornal a linha governista assumida pelos periódicos da época, inclusive o Correio da Paraíba.

Assim sendo, Araújo (1986) enfatiza que durante a década de 70, o diário Correio da Paraíba passou por momentos de grandes dificuldades financeiras, chegando até a entrar em “eclipse”, por alguns meses.

Ainda na década de 1970, outro fato mensurável da história do Correio diz respeito à publicação de trabalhos de escritores paraibanos, em folhetins. Dois romances de Fernando Silveira: “O Cangaceiro” e “A Cabeça de João Pessoa” foram publicados em formato de folhetins, pelo Correio. Em 1973, o Correio da Paraíba lançou o suplemento “Correio do Sertão” que prestigiava as notícias do interior da Paraíba.

Na década de 1980, o Correio circulava diariamente, com exceção das segundas-feiras. Todos os domingos, o periódico publicava o suplemento “Revista Nacional”, um caderno recorrente em todos os Estados da Federação.

Em 1984, o sócio-proprietário do jornal foi assassinado. Para Araújo (1986) este fato pode ser entendido como uma retaliação ao grande volume de denúncias publicadas no jornal. “O crime caracteriza-se como mais um atentado à liberdade de imprensa, mais um massacre a jornalistas na Paraíba”. (ARAÚJO. 1986, p. 295).

A década de 1990 marca um período de reformulações no projeto editorial do jornal, destacando o surgimento de suplementos especializados voltados para um público leitor específico, tais como; “Homem”, “Mulher” e “Milenium”.

Atualmente o Correio da Paraíba apresenta dez editorias divididas em: Brasil, Cidades, Cultura, Economia, Esportes, Mundo, Opinião, Policial, Política e Últimas. O jornal ainda disponibiliza páginas especiais intituladas: Direito, Entrevista, Informá-

tica, Justiça, Correio Trabalhista, Ministério Público e Municípios.

Nas edições de domingo, o Correio da Paraíba, apresenta uma série de suplementos, dentre eles; o Papo-Cabeça, Religião, Turismo, Magazine, Magazine Jovem, bem como ainda perpetuam os suplementos Milenium, Homem e Mulher.

De acordo com Santiago (*apud* TRAVANCAS, 2001, p. 38), a perspectiva de agregar suplementos em jornais e folhetins se configura em um exemplo de uma tendência evidenciada mundialmente de segmentação de temáticas nos periódicos. O autor enfatiza que o termo suplemento remete juízo de adição, por isso se agrega ao jornal com o ideário de novidade e de somatório às informações:

Vale a pena deter-se um minuto na lógica do ‘suplemento’. Complemento é a parte de um todo, o todo está incompleto se falta um complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento ele apenas ficou privado de algo a mais.

Capítulo 3

O Suplemento Milenium

O Jornal Correio da Paraíba desde meados da década de 1990 passou a publicar, todos os domingos, o suplemento Milenium. A princípio, o suplemento trazia 12 páginas e a editoria estava sob a responsabilidade de Walter Galvão e as reportagens a cargo de Chico Noronha.

Com o passar do tempo e as mudanças no projeto editorial, o “Milenium” teve que ser reduzido de 12 para 8 páginas e posteriormente passou de 8 para 6 folhas. A partir daí, passou-se a priorizar ainda mais a produção local, as pesquisas desenvolvidas por cientistas paraibanos. (SOUSA, 2006, p. 37).

Atualmente, as seis páginas destinadas ao “Milenium” abrangem conteúdos relacionadas à ciência e tecnologia, bem como a esoterismo, misticismo e curiosidades de um modo geral. O suplemento ainda traz uma coluna específica sobre os cães.

Jãmarri Nogueira, atual editor do suplemento, destaca que o perfil do Milenium mudou muito desde sua criação até os dias atuais. “Hoje ele tem textos muito mais voltados para quem não pertence à Academia”.¹

¹ Entrevista realizada em 06 de novembro de 2006.

Ainda de acordo com o editor, o nome Milenium foi proposto por Walter Galvão em reunião do conselho editorial e estabelecia relação direta com a “virada” de século que na época se aproximava. A finalidade era que o nome Milenium representasse a idéia de um caderno futurista, um caderno a frente do seu tempo.

De acordo com essa perspectiva, Jãmarri Nogueira destaca que a princípio o objetivo básico do Milenium era agrupar notícias e reportagens sobre ciência, tecnologia e esoterismo em um único “local” do jornal. Priorizando a divulgação de pesquisas científicas. Ele ainda ressalta que os jornais locais “desovam” notícias sobre ciência nas páginas intituladas “Mundo” ou “Internacional”, no entanto, o Correio da Paraíba as reúne no Milenium.

Atualmente, a primeira página do Milenium, geralmente destaca uma reportagem principal sobre o desenvolvimento de uma pesquisa científica. É perceptível que a área de saúde recebe destaque nas reportagens de capa do “Milenium”. De acordo com Sousa (2006, p. 42) “no processo de escolha dos temas que farão parte do caderno, sempre é observada a relação: ciência/ aplicação”.

É notório que a reportagem de capa tem como primazia o desenvolvimento e os resultados de pesquisas realizadas em âmbito local, ressaltando estudos e análises executados na Universidade Federal da Paraíba – UFPB e/ ou na Universidade Federal de Campina Grande - UFCG.

Jãmarri Nogueira explica que temas e assuntos relacionados à realidade local é um critério fundamental na configuração das reportagens de capa do Milenium. O editor ilustra:

(...) Por exemplo, o homem construiu dez naves para ir à lua. Isso é super-importante, mas vai para a F-5 ou F-6. Mas, nós temos aqui um pesquisador que descobre uma plantinha que cura o vitiligo, ele vai para a capa, porque é material local que influencia diretamente a vida das pessoas daqui. Esse critério é sempre levado em conta nas reuniões de pauta para a definição do material do Milenium.

A segunda página do Milenium, na maioria das vezes apresenta uma continuação da reportagem de capa, ou ainda, uma reportagem afim do assunto destacado na capa. Por exemplo, a reportagem principal da edição 20 de agosto de 2006² destaca uma pesquisa que afirma que o equilíbrio hormonal pode curar doenças, a segunda página realça uma reportagem sobre a reposição hormonal na Paraíba. No entanto, faz-se necessário notar que não é regra geral que a segunda página apresente-se como um prolongamento da reportagem principal, em alguns casos verifica-se reportagens secundárias sobre assuntos diferentes.

A terceira página do Milenium prioriza o gênero jornalístico coluna, já que em regra, apresenta três colunas: “Saber Viver”, escrita pelo Dr. Lair Ribeiro, “O leitor quer saber”, e uma outra assinada pelo escritor Paulo Coelho, que recebe o nome do próprio autor. No último domingo de cada mês é publicada a coluna “As tábuas da Maçonaria”.

Sousa (2006, p. 43) salienta que as colunas “Saber Viver” e “Paulo Coelho” destacam temas relacionados ao esoterismo e o misticismo:

O lado esotérico, místico e até sobrenatural do “Milenium” aparece nas colunas de Paulo Coelho e Lair Ribeiro, situadas nas terceiras páginas do caderno. Caracterizam-se pelo uso da narrativa literária e conservam o estilo de cada autor, com suas temáticas e impressões pessoais. Paulo Coelho passeia com desenvoltura pela mitologia, religiosidade oriental, entre outros temas. Enquanto Lair Ribeiro escreve frequentemente sobre auto-ajuda, motivação e temas ligados ao crescimento pessoal/profissional.

Na terceira página verifica-se usualmente uma reportagem ou notícia relacionada ao comportamento humano, astrologia e auto-ajuda.

² Observar anexo 5

A coluna “O leitor quer saber” se caracteriza como respostas de indagações inusitadas apresentadas por leitores, como por exemplo, “por que o nosso sangue coagula dentro das veias”, “bebês têm mais ossos que humanos adultos” ou ainda “por que a maior parte das grávidas sofre de enjoão”. Essa coluna sinaliza uma tendência abordada por Burkett (1990) de que muitas vezes, a ciência é enfocada na imprensa por meio de matérias que destacam situações inusitadas, bizarras e imaginárias, que alimentam a curiosidade dos leitores.

Outro ponto de análise dessa coluna, diz respeito às observações do autor Carl Sagan (2002) no livro “O mundo assombrado pelos demônios: A ciência vista como uma luz no escuro”, no qual destaca o termo “perguntas científicas”, referindo-se a indagações relacionadas a questões científicas, tais como: Por que a lua é redonda? Por que a grama é verde? Por que nós temos dedos nos pés? Dentre outras. O autor ainda relaciona que as crianças são os principais agentes dessas perguntas, que muitas vezes, ficam sem respostas porque os próprios adultos não sabem. No entanto, os adultos também têm curiosidade sobre muitas questões, mas sentem vergonha de perguntar e de admitir que não sabem muitos “porquês”.

Diante disso, as indagações destacadas na coluna “O leitor quer saber” se configuram em exemplos de perguntas científicas. A coluna destaca respostas para questões que se referem aos desdobramentos da ciência.

De acordo com as perspectivas do jornalismo científico, acerca da divulgação sobre inovações tecnológicas, a página quatro do Milenium destaca o universo da informática, trazendo a coluna “Plugue-se”, assinada por Hélder Moura, que enfatiza a área tecnológica, priorizando temas relacionados a novas tecnologias. As notícias e reportagens dessa página destacam inovações tecnológicas e suas implicações na vida social, como por exemplo, a televisão digital, a internet e suas variantes, dentre outros.

A quinta e sexta páginas do “Milenium” geralmente apresentam reportagens e notícias relacionadas ao contexto nacional e

mundial, ou seja, pesquisas desenvolvidas fora da Paraíba. Desta forma é recorrente, a publicação de matérias de agências de notícias - nacionais e internacionais. Ambas trazem ainda, a coluna “Tudo sobre cães”, veiculada algumas vezes na página 5 e outras vezes na página 6. A coluna é escrita por Vilênia Toscano Cunha, especialista do Kennel Clube e revela procedimentos, curiosidades relacionadas a cães, bem como exposições caninas realizadas na Paraíba.

A diversidade de assuntos nessas duas páginas é notória, as reportagens e notícias englobam temas variados, como beleza estética, saúde e tecnologia, meio ambiente, novas descobertas, dentre outros.

Uma particularidade evidente do suplemento “Milenium” diz respeito à ampla variedade e miscigenação de temas. Em uma mesma edição o leitor pode contemplar reportagens sobre novas tecnologias, sobre meio ambiente, saúde e outras. As seis páginas do suplemento não priorizam apenas uma área científica. Sousa (2006) ressalta que a mistura de temas científicos observadas no Milenium não prejudica o entendimento do leitor, e em muitos casos as informações se complementam, aproximando assuntos da ciência que pareciam distantes.

Outra característica periódica no suplemento é a presença marcante de anúncios. Praticamente em todas as páginas do “Milenium” verificamos anúncios, a exceção está nas páginas 3 e 4, nas outras os anúncios são recorrentes e envolvem propagandas sobre faculdades, hotéis, rádios, livros, lojas de computadores e outras. No entanto, vale salientar que não há muita variação quanto aos espaços destinados aos anúncios, ou seja, o leitor assíduo já está habituado a encontrar o mesmo tamanho de espaço publicitário em cada página do “Milenium”.

Capítulo 4

O gênero jornalístico reportagem

Na prática jornalística, o termo reportagem é recorrente. Nessa perspectiva, Côrrea (*apud* Pena, 2005, p. 75) conceitua reportagem como “um relato jornalístico temático, focal, envolvente, que aprofunda a investigação sobre fatos e seus agentes”.

De acordo com esse contexto, Melo (1994, p. 49) entende a reportagem como “um relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social”. Por isso, a reportagem visa um maior detalhamento dos fatos, que muitas vezes, já foram noticiados, mas mesmo assim, merecem ser aprofundados e interpretados.

Para Sodré e Ferrari (1986) a reportagem se caracteriza como uma narrativa jornalística, na qual se narram as peripécias da atualidade, da história. “Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar de excelência da narração jornalística”. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 9).

Ambos os autores realçam algumas características da reportagem, enfatizando que esta vai além do ato de documentar ou registrar fatos, mas se constitui em um ato de iluminar e ampliar

a “visão” sobre acontecimentos, que freqüentemente são pouco expressivos.

Um episódio de restrito interesse só ultrapassará o mero registro se envolto em circunstâncias que conduzirão o leitor a um posicionamento crítico, revelando-lhe ângulos insuspeitados, salientando outros apenas entrevistos – enfim, iluminando e ampliando a visão sobre determinado assunto. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 36).

Sodré e Ferrari (1986) ainda conceituam reportagem como um conto jornalístico, estabelecendo uma comparação entre reportagem e conto literário: “As duas formas muito se assemelham: pode-se dizer que a reportagem é o conto jornalístico – um modo especial de propiciar a personificação da informação ou aquilo que também se indica como ‘interesse’ humano”. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 75).

Coimbra (1993) especifica que o texto da reportagem tem como modelos de estrutura a dissertação, a narração e a descrição. Dessa forma o autor diferencia reportagem dissertativa, reportagem narrativa e reportagem descritiva.

Para o autor, a reportagem dissertativa, se apóia em um raciocínio explicativo por meio de afirmações generalizantes seguidas de fundamentação. E se baseia em um sentido lógico, de causa e efeito, de exemplificação, de confronto, de enumeração, etc.

De acordo com Coimbra (1993) a reportagem narrativa tem como característica principal a de conter os fatos organizados dentro de uma lógica de anterioridade ou posterioridade. Por conter os fatos organizados dessa forma, ela pode mostrar mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas. Por isso, sintetiza que o texto da reportagem narrativa: “Pretende recriar a realidade diante dos olhos dos leitores, mostrando a eles um eterno acontecer”. (COIMBRA, 1993, p. 45).

Segundo o autor, a reportagem descritiva diferentemente da reportagem narrativa se caracteriza por mostrar as pessoas e as

coisas fixadas em um único momento, ou seja, detém a descrevê-las sem progressão do tempo.

Magalhães (*apud* Coimbra, 1993, p. 88) chama a atenção para o fato de que a classificação de uma reportagem em dissertativa, narrativa ou descrita se justifica apenas pela dominância de um desses gêneros sobre os outros. “A divisão que se faz em discurso narrativo, descritivo e dissertativo é na verdade mais efeito didático, uma vez que, geralmente, essas modalidades se coexistem e se completam”.

4.1 Reportagem versus notícia

De acordo com Lage (1987, p. 6) “cada um de nós conceitua as coisas por comparação e contraste”. Partindo dessa perspectiva Pena (2005) destaca que a definição do conceito de reportagem quase sempre é construída em comparação com o conceito de notícia.

Assim Lage (1987, p. 17) define notícia como “o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”. Essa demarcação indica que a notícia não trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los, já que parte do princípio de relatar os fatos a partir do episódio mais importante, sem a necessidade de uma seqüência temporal. Por isso, na notícia, os eventos estarão ordenados pelo interesse ou importância decrescente dos fatos.

Em paralelo, a reportagem se caracteriza como uma narrativa de fatos, estabelecendo personagens e ações dramáticas, como bem enfatizam Sodré e Ferrari (1986, p. 9): “É mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa”.

Sodré e Ferrari (1986, p. 11) entendem que “narrativa é todo

e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”.

Neste contexto Lage (1987, p 16) destaca que a espinha dorsal da narrativa é “a organização dos eventos em seqüências, de modo que o primeiro antecede o segundo, o segundo o terceiro, e assim por diante: são registrados na mesma ordem em que teriam ocorrido, no tempo”.

Como foi destacado anteriormente, a notícia prioriza uma seqüência que parte do fato entendido como o mais importante e não necessariamente de uma seqüência em ordem temporal, diferentemente da reportagem que prima por uma narração dos fatos e por isso pelo encadeamento de seqüências, constituídas de eventos temporalmente relacionados.

Medina (*apud* Coimbra, 1993, p. 9) realça outra diferença entre reportagem e notícia ao afirmar que a primeira amplia a notícia, aprofundando o fato no espaço e no tempo, ou seja, o que distingue a notícia da reportagem é o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar.

As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a reportagem abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente.

Dessa forma, a autora entende que a notícia fixa o momento presente, enquanto a reportagem fixa um acontecer atemporal ou menos presente.

Sodré e Ferrari (1986) destacam que um fator determinante para a circulação de uma notícia é o tempo, pois o fato a ser noticiado deve ser atual, recente e o relato deve ser imediato. Por esse motivo, ressaltam o aspecto atualidade na configuração da diferenciação de notícia e reportagem.

Para ambos, embora a reportagem não prescindia da atualidade, esta não carece do mesmo imediatismo que determina a

notícia. Por isso a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado. Assim um fato importante acontecido há mais de cinco ou dez anos pode ser mensurado em uma reportagem, desde que desperte ainda interesse expressivo e mantenha condições de curiosidade ou importância histórica.

De acordo com Bahia (*apud* Kindermann, 2003, p. 39) uma notícia pode ser transformada em reportagem no instante em que adquire contornos de detalhamento e de interpretação.

O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação - em que a notícia deixa de ser sinônimo de nota - e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto adquirindo uma nova dimensão narrativa e ética.

4.2 A reportagem no Milenium: características gerais

O gênero jornalístico predominante no Milenium é a reportagem. Em média, cada edição apresenta entre três e quatro reportagens, sendo notório que estas se localizam com mais frequência nas páginas F-1 e F-2. Da nossa amostra de vinte e seis reportagens, grande parte se apresenta nas páginas referidas; treze se localizam na capa (F-1), oito na F-2, três na F-5 e apenas duas na página F-6.

Do total de reportagens escolhidas para a análise, dezessete se relacionam a aspectos de saúde e estética e nove matérias abordam assuntos ligados à área de ciência e tecnologia. Assim, percebemos que os temas ligados à saúde são mais recorrentes na nossa amostra.

Em conformidade com a perspectiva apontada no item 2.2, na capa do Milenium se destaca um predomínio de reportagens que priorizam temas relacionados à saúde. A maioria enfatiza novos tratamentos, terapias e vacinas para o combate de variadas doenças.

Nas páginas F-2, F-5 e F-6, a variedade de assuntos das reportagens é ampla, por exemplo, encontramos informações sobre inventos e descobertas, bem como sobre engenharia alimentícia ou ainda sobre a divulgação de pesquisas sobre novas substâncias. Essa variedade de assuntos do suplemento Milenium segue o pressuposto enfatizado pelo autor Bertolli Filho (2006, p. 8) no qual, “os espaços impressos destinados à ciência tendem a estampar lado a lado notícias de diferentes setores do saber, por exemplo, genética e astronomia”.

Nessa perspectiva, para efeito de análise aglutinamos as reportagens escolhidas em dois grupos distintos relacionados a assuntos ligados à área biológica e a assuntos pautados na área tecnológica. Acreditamos que essas duas áreas se destacam na produção de jornalismo científico do suplemento e também se configuram como uma amostra recorrente em âmbito da imprensa nacional.

Dessa forma, de acordo com as edições estabelecidas entre agosto e outubro, observamos as seguintes reportagens, agrupadas no contexto dos dois grupos destacados, como se verifica nas duas tabelas seguintes.

Tabela 1
Reportagens agrupadas na área biológica:

Título da reportagem	Edição
Genoma Paraibano	06 de agosto
Estudo do DNA gera feijão mais nutritivo	06 de agosto
Diagnóstico precoce é arma contra câncer de boca	13 de agosto
Equilíbrio hormonal pode curar doenças	20 de agosto
Paraíba já utiliza reposição hormonal	20 de agosto
Comida Frankenstein na mesa	27 de agosto
Biofortificação não exige alta tecnologia	27 de agosto
Adeus ao cigarro	03 de setembro
Antibiótico causa resistência bacteriana	03 de setembro
Vitiligo	17 de setembro
“Raspagem” melhora tratamento estético	17 de setembro
Vacina contra HPV	24 de setembro
Controle de asma com dose mensal	01 de outubro
10 passos para turbinar o cérebro	08 de outubro
AVC é o principal motivo de mortes no Brasil, diz pesquisa	08 de outubro
Amigos invisíveis	15 de outubro
Epilepsia tem cura	29 de outubro

Tabela 2
Reportagens aglutinadas à área tecnológica:

Título da reportagem	Edição
Super Computadores	13 de agosto
Sistema da UFCG protege dados do PC quântico milhares de vezes	10 de setembro
PC quântico dá mais segurança eletrônica	10 de setembro
Invento facilita ultrapassagem em BRs	24 de setembro
Equipamento diz hora certa de plantar	01 de outubro
Bactéria ajuda na exploração de petróleo	15 de outubro
Ciência no canteiro de obras	22 de outubro
Parede oferece conforto térmico	22 de outubro
Óleo de semente de abóbora ajudará na telefonia	29 de outubro

4.3 Análise das reportagens do Milenium

4.3.1 A ciência a serviço da vida

Genética e transgênicos

Burkett (1990), no livro “Jornalismo Científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação” questiona o que buscam os leitores de ciência, no que diz respeito ao contexto de informações científicas. De acordo com autor, esses leitores buscam esclarecimentos sobre questões relacionadas à sobrevivência, como por exemplo, saúde, alimentação e sexo. Por isso, é significativo no jornalismo científico a divulgação de pesquisas relacionadas à saúde e ao bem-estar físico e mental.

Bertolli Filho (2006, p. 9) compartilha do mesmo ponto de vista e afirma: “Matérias que abordam temas que criam a sensação que a informação é útil para a saúde e o bem-estar físico

e mental dos leitores são rotineiramente incorporados à pauta do jornalismo científico”.

Neste contexto, Falcão (2003) destaca que no campo científico, um dos assuntos mais enfatizados por estudos é a área da biologia genética. A autora especifica que no contexto de divulgação de pesquisas científicas pelos meios de comunicação, existem temas recorrentes e temas que entram ou estão em moda. Dessa forma, para Falcão (2003, p. 93): “A genética, com seus transgênicos e DNAs¹ decodificados é um dos assuntos mais em pauta na primeira década do século XXI”.

Da mesma forma, os temas que envolvem aspectos enfatizados pela estética se consolidam como uma tendência do jornalismo científico, já que assuntos relativos à busca de “corpos perfeitos e saudáveis” são incidentes nos meios de comunicação de massa. De acordo com isso, a categoria do jornalismo científico divulga constantemente pesquisas e estudos sobre, por exemplo, novos tratamentos estéticos, produtos de rejuvenescimento e outros.

De acordo com esse panorama destacado por tais autores, as reportagens do suplemento Milenium destacam notadamente a divulgação de pesquisas diretamente relacionadas à saúde.

Nessa conjuntura, o Milenium, edição 06 de agosto, apresenta uma reportagem de capa sobre o desenvolvimento de pesquisas realizadas pelo Projeto Genoma Nordeste - Progene, do qual o Estado da Paraíba também participa. A reportagem traz o título “Genoma Paraibano”, e o sub-título “Seqüenciamento genético feito no Estado entra na reta final e abre caminho para a descoberta da cura do calazar e da malária; cientistas estão mapeando, ainda, os genes do feijão de corda”. A leitura do título e principalmente do sub-título permite ao leitor uma “visão” geral sobre

¹ De acordo com COSTA (2005, p. 139) a sigla DNA “representa o ácido desoxirribonucléico. Elemento químico orgânico caracterizado como uma molécula de estrutura em hélice dupla e que representa o suporte químico da hereditariedade”.

o assunto destacado na reportagem, servindo como uma síntese desta.

Neste contexto, o leitor tem idéia que o projeto está pesquisando três seqüenciamentos genéticos diferentes: dois podem viabilizar a cura do calazar e da malária respectivamente e o outro visa o mapeamento do feijão de corda. O sub-título contextualiza não só essa matéria, mas dá seqüência a uma outra reportagem da página F-2, como veremos mais adiante. Na matéria, inserido no corpo do texto se destacam a figura representativa de um DNA² e a foto do entrevistado, no lado direito.

A linguagem da reportagem é clara e objetiva, sua função é apenas informativa e focaliza o detalhamento de apenas uma das pesquisas, no caso a que visa estudar o material genético do mosquito transmissor da malária. As outras duas pesquisas são apenas citadas, sem mais detalhamentos.

A reportagem também não apresenta pormenores do Progene, limitando-se apenas a informar que a Universidade Federal da Paraíba faz parte do projeto, como podemos verificar na expressão: “Pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) integram a rede de pesquisas do projeto Genoma Nordeste, que já vem alcançando importantes avanços no seqüenciamento genético do DNA de vários elementos”.

Um ponto importante para a apreciação da reportagem se configura no último parágrafo, no qual, se enfatiza novas perspectivas da pesquisa. O entrevistado, o pesquisador Demetrius Araújo, constata que a malária não é muito incidente no Nordeste. No entanto, o mesmo destaca a importância da participação paraibana no contexto de estudo da malária: “Para essa pesquisa nós estamos inseridos na rede nacional do projeto Genoma. Isso é muito rico porque nos proporciona troca de experiências valiosas com outros pesquisadores”. Dessa forma, entendemos que a reportagem realçou também a importância dos estudos, as causas e conseqüências destes.

Como veremos mais adiante, a reportagem “Genoma Parai-

² Ver anexo 1

bano” pode ser entendida como uma introdução sobre o contexto das pesquisas realizadas pelo Progene, já que servirá como suporte informativo para uma outra reportagem.

De acordo com a tendência destacada no item 2.2, é muito comum no Milenium que as matérias de capa continuem na segunda página do suplemento. Assim sendo, na mesma edição, 06 de agosto, a reportagem da página F-2 apresenta-se como uma continuação da matéria da capa, focalizando a pesquisa sobre o DNA do feijão de corda.³

O título salienta “Estudo do DNA gera feijão mais nutritivo”⁴, no centro da reportagem destaca-se uma foto⁵ de tamanho relativamente grande de uma plantação de feijão.

O enfoque da matéria é o desenvolvimento da pesquisa sobre o encadeamento dos genes do feijão de corda. Nessa perspectiva destacamos algumas características pertinentes à análise de tal reportagem.

A primeira diz respeito a citação – nas primeiras linhas – de outras nomenclaturas referidas ao feijão de corda: “Ele é conhecido também por feijão caupi, verde, macassar ou fradinho”. Esse dado facilita o entendimento da informação e aproxima o foco da reportagem, no caso a pesquisa sobre tal legume, à realidade de cada leitor. Ou seja, se um determinado leitor “conhece” o legume por feijão verde é informado, no início da matéria que a pesquisa se refere justamente a espécie que ele conhece.

Pippi e Peruzzolo (2003) realçam a importância da utilização de fatores familiares ao leitor para que este compreenda da melhor forma possível a informação nova que o repórter deseja comunicar. Por isso, para os autores (2003, p. 188): “A princípio o repórter partirá do conhecimento prévio do leitor e introduzirá

³ Ver anexo 2

⁴ De acordo com a fonte da reportagem, o professor Demetrius Araújo, a informação destacada no título está incorreta. A correção segue na página 83, do terceiro capítulo.

⁵ Observar anexo 2

no texto informações inéditas (supostamente desconhecidas) que deseja transmitir”.

Uma segunda característica se relaciona a propriedade destacada por Sodré e Ferrari (1986) no item 2.3, no qual a reportagem deve oferecer contextualização, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo.

Na reportagem “Estudo do DNA gera feijão mais nutritivo” há um grande número de particularidades e contextualizações sobre a pesquisa, por exemplo, o repórter ressalta os valores nutricionais da espécie analisada: “Do ponto de vista nutricional, de acordo com especialistas, é um produto rico em proteínas, com propriedades superiores ao feijão comum, além de possuir capacidades gelatinizantes e espumantes”.

Outro exemplo de contextualização da temática se configura na idéia de que o fortalecimento do grão do feijão pode contribuir para as exportações brasileiras, como segue no trecho: “O Brasil é um dos campeões em exportação de grãos do mundo. Se fortalecermos a cultura do feijão verde ele pode virar um grande produto para exportação e isso vai gerar emprego para a população e fortalecer a economia local”.

Na matéria, o repórter também explica o motivo da pesquisa ter optado por analisar o feijão de corda, ressaltando que a idéia é proveniente de discussões com a Rede Nordestina de Biotecnologia. E relaciona o desenvolvimento da pesquisa com o melhoramento das condições sócio-econômicas do Semi-árido nordestino, como podemos observar nas expressões: “Com isso a perspectiva é que haja também um incremento a produção deste item que é de extrema importância, sobretudo para a economia da região”.

Dando continuidade as observações da matéria “Estudo do DNA gera feijão mais nutritivo”, como foi mencionado anteriormente na análise da reportagem “Genoma Paraibano”, o projeto Progene especifica três seqüenciamentos genéticos. Assim, a reportagem “Estudo do DNA gera feijão mais nutritivo” informa também acerca da pesquisa sobre o seqüenciamento do DNA do

protozoário *Leishmania chagasi*, agente transmissor da *Leishmania*, conhecida popularmente como calazar.

De acordo com a reportagem, os cientistas paraibanos finalizaram o estudo sobre o DNA do protozoário e por isso esperam novas pesquisas que visem a obtenção de medicamentos de combate a doença a partir do DNA do *Leishmania chagasi*, como se observa no trecho: “A expectativa é que pesquisas possam proporcionar a descoberta de novas formas de tratamento medicamentoso e também novas formas de diagnóstico, tanto para o homem quanto para o cão (...)”.

A matéria contextualiza informações gerais sobre a doença, tais como: a grande incidência no Nordeste e mais especificamente na Paraíba e os sintomas da patologia tanto no homem como no cão, como se exemplifica nas frases: “No homem os sintomas da leishmaniose são a perda de peso, anorexia (redução de apetite), aumento do volume abdominal (fígado e baço). Em cães o que acontece é a perda de peso, crescimento das unhas e perda de apetite”.

Diante dos aspectos destacados, podemos afirmar que a reportagem é rica em detalhes e abrange de forma coerente os vários aspectos das pesquisas, não se limitando a apenas relatar os fatos, mas propondo uma abordagem ampla destes.

A edição 27 de agosto apresenta como enfoque a engenharia alimentícia, ressaltando os alimentos biofortificados. O título – “Comida *Frankenstein*⁶ na mesa” faz alusão ao monstro criado em laboratório pelo personagem Frankenstein, e que sintetiza uma mistura de várias partes humanas. O sub-título explica “engenharia produz alimentos que agem como remédios e biofortificados contra a fome”.

⁶ Frankenstein é um romance de terror gótico, de autoria de Mary Shelley. Escritora britânica nascida em Londres. O romance relata a história de Victor Von Frankenstein, um estudante de ciências naturais que construiu um monstro com partes humanas em seu laboratório. Mary Shelley escreveu a história quando tinha apenas 19 anos, entre 1816 e 1817, e a obra foi primeiramente publicada em 1818, sem crédito para a autora na primeira edição. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Frankenstein>.

No centro do texto há uma figura que representa “uma espécie de boneco” formado pela mistura de vários alimentos. A figura estabelece uma relação de analogia com o monstro criado por Frankenstein, podendo ser compreendida como uma versão de tal, no entanto composta por alimentos. Na imagem se destacam biscoitos que simbolizam os membros e o tronco do boneco, pedaços de queijo que formam a cabeça, duas ervilhas que sinalizam olhos. Pedaços de folhas, tomates e pimentões complementam a estrutura do boneco⁷.

Na matéria, a repórter sinaliza, logo no início, o que são alimentos biofortificados, explicando: “Os alimentos biofortificados ou geneticamente modificados para conter maiores propriedades nutricionais (...)”. A introdução dessa informação é fundamental para toda a compreensão da reportagem.

Um fato verificado no primeiro parágrafo da matéria se configura em um exagero desmedido cometido pela repórter sobre algumas conseqüências dos alimentos biofortificados, enfatizando que: “O desenvolvimento de alimentos mais nutritivos, enriquecidos com vitaminas e minerais capazes de diminuir e acabar com a fome e a desnutrição está mais próximo que nunca”.

No entanto, “acabar” com a fome e a desnutrição não depende apenas de alimentos biofortificados. Não questionamos a contribuição desse tipo de alimento para o combate a esses problemas tão graves no cenário brasileiro, todavia consideramos que a afirmação da repórter destaca um exagero demasiado.

Na seqüência, a matéria destaca que o Brasil está produzindo, em caráter experimental, alimentos geneticamente modificados, como por exemplo: “Um amido de milho que agrega aveia, cevada, arroz e milho, vitaminas e ferro”. E ainda informa que a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa – está pesquisando o enriquecimento de alimentos como o arroz, feijão, trigo, mandioca e milho.

O repórter também ressalta que os alimentos biofortificados podem auxiliar na prevenção de doenças. E exemplifica que a

⁷ Ver anexo 7

Embrapa tem pesquisado um tipo de alface com antígenos contra diarreia e um tipo de soja produtora de hormônios para o crescimento humano.

De um modo comum, a linguagem do texto é simples e de fácil entendimento para o leitor. As informações trazem à tona um dos assuntos mais discutidos atualmente – os alimentos transgênicos. No entanto, a matéria não enfoca as incertezas que ainda imperam acerca desses alimentos e dos possíveis riscos que eles podem trazer à saúde e ao meio ambiente.

Por fim, a reportagem destaca informações sobre o Programa de Biofortificação de Produtos Agrícolas para a Melhor Nutrição Humana – HarvesPlus. A repórter salienta o objetivo do programa – o desenvolvimento e a difusão de novas variedades de cultivo enriquecidos com micronutrientes para combater a desnutrição em países desenvolvidos:

O HarvesPlus conta com a participação de instituições de pesquisa internacionais e de diversos países que, ao longo de 10 anos, identificarão as variedades que tenham as maiores concentrações dos micronutrientes para posterior cruzamento com variedades que possam ser cultivadas comercialmente.

Vale notar no desenvolvimento da matéria, o discurso da entrevistada, Alda Lerayer - secretária executiva do Conselho de Informações sobre Biotecnologia - que contribui muito para o entendimento de como os alimentos biofortificados podem auxiliar as populações carentes: “Se determinada população se alimenta basicamente de arroz, mas não consegue plantar e comer feijão, então é possível vislumbrar a possibilidade de enriquecer o arroz com ferro e suprir as necessidades nutricionais fornecidas pelo feijão”.

Dando continuidade a análise da reportagem, percebe-se a utilização de uma característica citada pelo editor do Milenium quanto à publicação de matérias nacionais e internacionais no suplemento. Segundo Jãmarri Nogueira, no Milenium há uma tenta-

tiva constante de “localizar” o material nacional no contexto local, o editor contextualiza: “Por exemplo, nós temos dados de uma pesquisa nacional sobre violência praticada por adolescentes, então vamos interiorizar esse material, vê como isso está em João Pessoa, em Campina Grande. Vamos trazer à realidade local”.

Nessa conjuntura, a reportagem “Comida Frankenstein na mesa” exemplifica a tendência de enfatizar um assunto nacional dentro das perspectivas locais, pois também informa sobre as pesquisas realizadas pelo Núcleo de Pesquisa e Processamento de Alimentos da UFPB – o Nuppa, que há alguns anos desenvolveu um projeto para o reaproveitamento de alimentos pouco utilizados, mas ricos em micronutrientes, como, o caju: “Entre os alimentos aproveitados estava o caju, rico em vitamina C e abundante no Nordeste⁸”.

Assim, o repórter destaca que o caju pode ser consumido na forma de bife e pode ser incluído no cardápio de populações carentes. O bife de caju é obtido por meio do bagaço da fruta e pode ser combinado com outros alimentos como carne moída e verduras

O último parágrafo da reportagem reforça a importância do reaproveitamento de alimentos para o combate à desnutrição. De acordo com a entrevistada, a gerente do Laboratório de Controle de Qualidade do Nuppa, Sônia Galdino: “Há muitas pessoas desnutridas no mundo por falta de alimentos, mas há também aquelas desnutridas por não conhecerem o valor nutricional de certos alimentos ou desdobramentos deles”.

O reaproveitamento de alimentos é o destaque na página F-2 da mesma edição, 27 de agosto. O título enfatiza que a “Biofortificação não exige alta tecnologia”.

Na reportagem anterior havíamos questionado o exagero demasiado sobre as conseqüências dos alimentos biofortificados no contexto do problema da fome, segundo a repórter esses alimentos poderiam acabar com a fome e a desnutrição. Na reportagem “Biofortificação não exige alta tecnologia”, a mesma repórter, corrige

⁸ Observar anexo 7

os excessos da afirmação anterior, destacando que “os alimentos biofortificados representam um avanço no combate à fome no mundo”.

A característica principal da reportagem em análise é que todo o texto é um complemento da reportagem analisada anteriormente “Comida Frankenstein na mesa”. Assim, a matéria não traz muitas novidades em relação a primeira reportagem, apenas enfoca que um dos fatores favoráveis para a biofortificação é que ela não exige o emprego de alta tecnologia para o cultivo e também informa que não há mudanças de alterações de cor, textura e odor nos alimentos biofortificados.

Um fato que reafirma a complementaridade das matérias é o uso da fotografia do bife de caju – destacada na reportagem anterior “Comida Frankenstein na mesa” – para ilustrar a segunda matéria. A foto em tamanho grande e no centro do texto só é compreendida em sua plenitude pela leitura da legenda, já que, por exemplo, pode ser confundida com uma fatia de torta.⁹

A reportagem “Biofortificação não exige alta tecnologia” reforça que o programa HaverPlus busca viabilizar e agregar mais valor nutricional em outros dez produtos; o feijão de corda, o amendoim, a lentilha, o milho, o feijão gandu, a batata, o sorgo e o inhame.

A reportagem também exemplifica os principais estudos sobre biofortificação realizados no Brasil, tais como, mandioca enriquecida com as substâncias betacaroteno e licopeno, feijão, arroz e milho biofortificado com ferro e zinco, como se exemplifica no trecho a seguir recortado da matéria: “(...) Em Cruz das Almas, Bahia está se desenvolvendo uma pesquisa para elevar os teores de betacaroteno na mandioca e até agora, foi constatado que, além de carboidratos, a cultura da mandioca é uma excelente fonte de carotenóides nas raízes de coloração amarela”. Em outro trecho se exemplifica: “a pesquisadora Maria José Del Peloso lidera o trabalho nacional de pesquisa para identificação e desenvolvimento de cultivares de feijão com altos teores de ferro e zinco”.

⁹ Observar anexo 8

Assim o texto ressalta os resultados das pesquisas conduzidas em vários estados brasileiros e explica o processo de melhoramento genético desses produtos. A linguagem é compreensível e contribui para percepção do contexto da biofortificação no Brasil.

De modo geral, ambas as reportagens – “Comida Frankenstein na mesa” e “Biofortificação não exige alta tecnologia”, respectivamente não enfocam informações sobre possíveis prejuízos à saúde relacionados aos alimentos biofortificados, limitando-se a ressaltar os benefícios destes.

Na segunda reportagem, “Biofortificação não exige alta tecnologia”, ainda há um superficial questionamento quanto à insegurança desses tipos de alimentos. O entrevistado, o pesquisador Ricardo Targino, afirma: “Ainda não é possível dizer, cientificamente, que os alimentos enriquecidos sejam seguros para as pessoas, mas as pesquisas para a produção de alimentos deverão se concentrar cada vez mais na promoção de segurança alimentar”.

No entanto, essa citação se configura na única afirmação sobre os riscos dos alimentos biofortificados e contraria a opinião de Garcia e Barichello (2003) quando ambos indagam que na publicação de informações científicas é preciso deixar claro a medida de interferência que a descoberta tem na vida dos cidadãos, para que estes possam absorver e reunir as informações da melhor forma possível.

Divulgação de tratamentos e diagnósticos

No Milenium é notório a veiculação de reportagens que enfatizam a divulgação de tratamentos e também esclarecimentos sobre doenças. É perceptível que o suplemento tem uma preocupação em expor, por exemplo, os principais diagnósticos de cada patologia divulgada ou ainda apresentar perspectivas de cada terapêutica citada.

Assim sendo, a edição 13 de agosto traz como enfoque na segunda página “Diagnóstico precoce é arma contra câncer de

boca”, apresentando uma reportagem que afirma que a Paraíba tem um dos maiores índices de câncer de boca.

A matéria oferece detalhamento sobre as possíveis causas desse tipo de câncer, e apresenta também informações sobre outros tipos de câncer, como por exemplo, o câncer de laringe:

Outro câncer, o de laringe, segundo Joni, tem relação direta com o cigarro e tem como manifestação inicial, modificações na voz, além de uma dissonia, pigarro e tosse. O câncer de laringe é mais urbano e está ligado ao cigarro industrializado. Já o de boca, mais ligado ao fumo de rolo.

Da mesma forma, destaca ainda, métodos de diagnóstico, novas formas de tratamento, além de enfatizar que a faixa etária das pessoas com esse tipo de câncer tem diminuído consideravelmente, sendo comum, acometer crianças e adolescentes: “Hoje em dia a gente encontra pessoas mais jovens com câncer de boca. Até com nove anos de idade temos casos”.

A linguagem utilizada pelo repórter é de fácil compreensão, contribuindo muito para isso a utilização de perguntas inseridas no desenvolvimento do texto que em seguida são respondidas pela fonte da reportagem. Por exemplo, o repórter questiona: “Qual o sintoma inicial de um tumor de laringe ou na garganta? É o mesmo de uma amigdalite, uma inflamação na garganta, umas dores”. Ou ainda: “E na parte do tratamento? É evidente quando um médico faz um diagnóstico mais precoce, passa-se a ter um melhor resultado”.

Neste contexto, percebe-se que no geral, o texto da matéria destaca uma linguagem simples, sem termos técnicos, o que facilita o entendimento da informação pelo leitor, e a reportagem não se restringiu apenas a informar sobre o câncer de boca, mas detalhou sobre os outros tipos de câncer que ocorrem na região da cabeça e do pescoço.

Dando prosseguimento as observações das reportagens eleitas, a edição 20 de agosto destaca “Equilíbrio hormonal pode cu-

rar doenças”, apresentando uma reportagem que realça a reposição hormonal como auxiliadora no tratamento de vários males, como por exemplo, a depressão, asma e gastrite.

O repórter salienta que muitos distúrbios emocionais têm relação direta com a falta ou excesso de hormônios e que por meio do equilíbrio hormonal, esses males podem ser tratados ou curados. Por meio de uma linguagem simples, a reportagem explica através da fala do entrevistado, o psiquiatra Sérgio Klepacz, a importância do equilíbrio hormonal. Por exemplo: “Os hormônios caminham juntos com os neurotransmissores (química cerebral) e através de um bom equilíbrio hormonal, você consegue ter saúde física e mental. O hormônio mexe com o emocional e também com o físico”.

Nessa conjuntura, a fala do entrevistado é uma característica marcante na reportagem, já que toda a matéria é delineada por explicações relatadas pelo psiquiatra Sérgio Klepack. Dessa forma, o texto é “costurado” por afirmações técnicas e exemplificações.

O uso de termos técnicos não compromete o entendimento da reportagem, já que estes são seguidos de explicações em termos mais triviais, como nas frases: “No homem e na mulher, os hormônios testosterona e estradiol promovem a ação da serotonina – substância bastante associada à depressão e ao suicídio. Se você tem falta desses hormônios ou uma taxa baixa, terá mais possibilidades de ter depressão”.

No exemplo acima, percebemos que o repórter destaca a doença depressão. A partir daí a reportagem dá ênfase a essa patologia, explicando como a reposição hormonal pode auxiliar no tratamento e como o alto ou baixo nível de alguns tipos de hormônios influenciam o estado emocional das pessoas.

O tema reposição hormonal dá seguimento a reportagem “A Paraíba já utiliza reposição hormonal” na segunda página do suplemento da mesma edição. A matéria elucida uma propriedade do Milenium verificada no item 2.2, na qual o tema principal da capa é “transportado” para a realidade local.

A matéria em análise enfoca alguns exemplos sobre o uso da

reposição hormonal no cenário paraibano, destacando alguns entrevistados que reafirmam a notoriedade da reposição de hormônios no tratamento de algumas doenças.

O primeiro entrevistado, o endocrinologista Marcos Thadeu Pereira contextualiza a utilização do equilíbrio hormonal no tratamento da obesidade: “Fazemos um tratamento de acordo com o perfil endócrino de cada paciente”. A segunda entrevistada, a farmacêutica Sheila Maior, afirma um aumento progressivo da procura por medicamentos para tratamentos de equilíbrio hormonal: “Há uma procura grande pelos fito-hormônios, usados para controlar os níveis de estrogênio e progesterona”.

Na reportagem, o discurso da terceira entrevistada, Adriana Silva, relata as conseqüências do desequilíbrio hormonal. O depoimento da entrevistada afirma que alterações hormonais trouxeram várias implicações para sua saúde, tais como, irritabilidade, insônia e dificuldade de engravidar.

Por fim, a reportagem destaca ainda vários exemplos de males que tem relação com desequilíbrios hormonais, tais como, síndrome do pânico, obesidade, gastrite e úlcera, asma, alergias, insônia e tensão pré-menstrual, como se verifica no trecho: “A asma é uma doença com grande carga emocional. Geralmente, as crises asmáticas estão associadas a um quadro de aumento de ansiedade. O excesso de serotonina no cérebro (neurotransmissor pode provocar uma crise de asma”.

Um fato interessante para a denotação da reportagem é o uso de figuras¹⁰ que representam cada uma das patologias citados no texto, chamando a atenção do leitor. Por exemplo, a gastrite e a úlcera são representadas pelo desenho de um corpo humano com o estômago exposto; a insônia é destacada pela figura simbólica de um rosto de uma mulher com um olho arregalado e o outro fechado por um esparadrapo, remetendo que tal pessoa não consegue fechar o olho, por conseguinte não consegue dormir.

Assim o repórter informa quais os hormônios podem influenciar no tratamento dessas doenças. Por exemplo, desequilíbrios

¹⁰ Ver anexo 6

nas taxas de cortisol podem causar distúrbios e provocar as doenças, síndrome do pânico, obesidade, gastrite e úlcera, desequilíbrios no hormônio da serotonina podem causar asma, alergias e insônia. Os hormônios estradiol e progesterona têm relação direta com a tensão pré-menstrual.

Diante do exposto, podemos caracterizar que a reportagem é rica em pormenores o que se configura em uma característica que facilita o entendimento do contexto da matéria.

O suplemento do dia 03 de setembro apresenta na capa a reportagem “Adeus ao cigarro” que enfatiza tratamentos anti-fumo, destacando que nos dias atuais há várias possibilidades terapêuticas para se vencer o vício de fumar como, por exemplo, o uso de adesivos, chicletes e balas com baixa dosagem de nicotina e aplicação de laser. O uso de laser no tratamento anti-fumo é apenas mencionado na reportagem, sem mais considerações sobre como é realizado.

Na matéria, o repórter cita que cientistas têm pesquisado sobre vacinas anti-tabagismo, e explica que uma das conseqüências decorrentes do ato de parar de fumar é a síndrome da abstinência da nicotina que proporciona vários sintomas tais como: “Os principais indicadores são palpitações, nervosismo, ansiedade, inquietude, dificuldades de concentração e uma intensa vontade de fumar”.

Observando a matéria, percebe-se que o repórter utilizou palavras do cotidiano para deixar a linguagem mais acessível ao leitor. Além disso, nota-se também uma relativa preocupação de se explicar da maneira mais simples o contexto dos tratamentos, como se verifica na expressão, “o modo de reposição mais conhecido é na forma de adesivo (a substância é introduzida lentamente através da pele), como se a pessoa fumasse pela pele”.

Na reportagem é enfatizado que há três níveis de dependência do cigarro: químico, psicológico e comportamental, no entanto não é explicado nenhum deles. A fala do entrevistado, o pneumologista Sebastião de Oliveira, reforça que as formas de tratamento ressaltadas na reportagem têm obtido resultados posi-

tivos no combate ao tabagismo: “A utilização de medicamentos que reduzem os efeitos da abstinência da nicotina associados vêm ocorrendo com êxito no combate ao tabagismo”.

A seqüência da matéria elucida particularidades sobre cada um dos tratamentos à base da reposição de nicotina no organismo, ou seja, relata os mecanismos de ação dos chicletes, balas, adesivos e sprays que contêm nicotina para amenizar a necessidade de fumar do indivíduo. Destaca também contra-indicações para a realização dos tratamentos, como se observa no trecho: “Além disso, os portadores de problemas cardíacos têm de passar por uma avaliação criteriosa antes de utilizar a terapia da reposição¹¹”.

O texto ainda ressalta novos métodos de tratamento, como o uso de cigarros sem nicotina como uma forma de suavizar e aliviar a vontade de fumar e informa ainda sobre o tratamento com o uso do antidepressivo bupropiona. No entanto alerta para o uso indevido do antidepressivo, esclarecendo: “Os mecanismos pelos quais a bupropiona minimiza a síndrome da abstinência do fumante ainda não estão totalmente claros”. Dessa maneira, informa o tratamento, mas também indica possíveis cuidados quanto ao seu uso.

Diante das observações verifica-se que a reportagem apresenta vários desdobramentos sobre o tabagismo, como por exemplo, a elucidação de uma pesquisa que relaciona alterações em um gene humano com a diminuição do desejo de fumar. De acordo com a reportagem: “O desvio que atinge cerca de 40% da população do país, faz com que o indivíduo não fume ou reduza a probabilidade do vício”. O repórter ainda indica que essa alteração genética ocorre mais em pessoas de cor branca.

Nesse ponto, cabe uma observação realizada por Bertolli Filho (2006) em relação a uma característica destacada na produção de matérias do jornalismo científico. De acordo com o autor, muitas vezes a imprensa promove uma caricaturização da ciência, como também da vida social, pois é comum esta última ser interpretada como um conjunto de fenômenos sobredeterminados

¹¹ Observar anexo 9

pela dimensão biológica. Nessa perspectiva Bertolli Filho (2006, p. 19) caracteriza:

Existe uma avalanche de artigos em jornais e revistas de divulgação que apontam, sem qualquer ressalva, a identificação de genes responsáveis por quase tudo, da inteligência, da homossexualidade e agressividade até o pendor pelas artes, esportes, matemática ou mesmo da beleza.

Na mesma edição, 03 de setembro, a quinta página do suplemento apresenta a reportagem “Antibiótico causa resistência bacteriana”. De modo genérico, a matéria tem como característica principal alertar o uso demasiado de remédios, como pode ser observado logo nas primeiras linhas da matéria: “Tratar uma simples gripe com antibióticos pode ser perigoso, avisam especialistas” ou ainda “é preciso fazer um controle do uso de antibióticos”.

A gripe¹² – doença trivial no cotidiano das pessoas – é usada como exemplo outras vezes no texto para contextualizar a ação dos antibióticos. Esse fato permite uma aproximação maior do leitor com a reportagem, já que chama a atenção para o tratamento de uma infecção relativamente constante no nosso dia-a-dia. E caracteriza uma perspectiva destacada por Barichello e Garcia (2003), na qual, para facilitar o entendimento sobre questões científicas devem-se mostrar as aplicações práticas desses assuntos à vida do leitor.

A reportagem esclarece que os antibióticos não agem contra vírus, apenas contra bactérias, como explica a entrevistada Flávia Rossi, diretora médica do Laboratório de Microbiologia do Hospital das Clínicas de São Paulo: “A droga só deve ser usada para

¹² A gripe é uma doença de causa viral, geralmente benigna, e de rápido contágio. O vírus da gripe penetra no organismo pela boca ou pelo nariz, por intermédio de espirros ou tosses de pessoas acometidas pela doença. Para melhor entendimento, ver: COSTA, Francisco Mário Viceconti. Grande Dicionário de Enfermagem atual. Rio de Janeiro. Revisão Editorial, 2005, p. 201

tratar infecções bacterianas. Assim, gripe, como toda infecção viral, não se trata com antibiótico”.

Vale ressaltar que o termo droga é usado como sinônimo de antibiótico várias vezes no texto, como segue nos exemplos, “a droga é perfeita na indicação certa” ou ainda “o uso indevido da droga leva a uma resistência bacteriana”.

Toda a reportagem é fundamentada no discurso da entrevistada Flávia Rossi e observa-se a ausência de termos técnicos ou complexos no desenvolvimento do texto, que prima pelo uso constante de explicações objetivas.

Como foi mencionada anteriormente, a reportagem tem por objetivo principal alertar sobre questões relacionadas aos antibióticos, sendo assim destaca as consequências do uso desmesurado desse tipo de remédio, que pode provocar a formação de bactérias cada vez mais resistentes: “Ao longo dos anos, tomamos antibióticos que vão selecionando as bactérias resistentes que vão crescer e ser manifestar depois, em outra parte do corpo”.

Um fato curioso ressaltado na reportagem diz respeito à caracterização de que o antibiótico é uma droga social, a entrevistada afirma: “Se numa infecção viral, eu tomo um antibiótico, vai haver no meu organismo uma seleção de bactérias. Quando eu tossir, vou passar bactérias resistentes para outras pessoas”.

Observando a reportagem em sua plenitude, verifica-se a elucidação de várias perspectivas dos antibióticos no plano informativo, noticiando, por exemplo, o lançamento de um novo medicamento no Brasil que se mostra eficaz a resistência bacteriana. O Tygacil se destaca no tratamento de infecções graves: “A droga tem se mostrado eficaz no combate à infecções graves causadas por microorganismos resistentes, representando uma nova arma contra a infecção hospitalar”.

O tema bactérias também é o enfoque da reportagem “Amigos Invisíveis” da edição 15 de outubro, que apresenta informações gerais sobre a estrutura, benefícios e importância das bactérias.

Na abertura¹³ da matéria, o repórter esclarece: “Estamos acos-

¹³ Sodré e Ferrari (1986, p. 67) destacam que “a abertura destina-se ba-

tumados a ouvir falar mal sobre as bactérias, mas o que muita gente não sabe é que a maioria delas é inofensiva e essencial para o organismo humano”. Dessa forma, percebe-se que o objetivo maior da reportagem é desmistificar o estereótipo de que as bactérias sempre fazem mal.

Na seqüência, a reportagem especifica a estrutura das bactérias e caracteriza múltiplas funcionalidades destas, por exemplo: “Hoje, elas são utilizadas na produção de alimentos entre eles, os derivados do leite, como queijo, coalhada, iorgute e na produção de vinagre, com a transformação do álcool do vinho em ácido acético”.

O desfecho da reportagem focaliza a importância das bactérias no organismo humano, explicada pela fala da pesquisadora, Márcia Rosa: “O número de bactérias que colonizam o nosso organismo é muito superior ao número de células que constituem o nosso corpo”.

Vale salientar o termo técnico “colonizar”¹⁴ destacado na citação da entrevistada. A palavra se configura em um jargão científico muito utilizado pela comunidade da área biológica. Dessa forma, para a compreensão clara da expressão faz-se necessário uma explicação sobre o termo.

Todavia a reportagem não esclarece a significação do termo, que é usado outras vezes no desenvolvimento do texto, como por exemplo, na frase: “O ser humano começa a ser colonizado quando nasce”. Outra expressão técnica empregada na reportagem é a palavra microbiota, sendo explicada na seqüência; “é o conjunto de microorganismos associados a tecidos, como pele e mucosas”. Por fim, a reportagem enfatiza a importância das bac-

ticamente a chamar a atenção do leitor e conquistá-lo para a leitura do texto. Costuma-se usar palavras concretas, frases curtas, incisivas e afirmativas, estilo direto. Quando possível, indica-se o ângulo mais importante”.

¹⁴ O termo colonizar incide da idéia de colônia, de conjunto e remete aos termos agrupar e agrupamento, ver: COSTA, Francisco Mário Viceconti. Grande Dicionário de Enfermagem atual. Rio de Janeiro. Revic Editorial, 2005.

térias para o organismo humano explicando que elas auxiliam o sistema imunológico contribuindo para evitar infecções.

Novas terapias e medicamentos

A divulgação de novas terapias, métodos e medicamentos são recorrentes na conjuntura de reportagens do Milenium. Neste contexto, os avanços científicos são retratados como possibilidades de tratamento de algumas doenças ou no melhoramento da saúde dos cidadãos.

De acordo com isso, o suplemento 17 de setembro enfatiza o título “Vitiligo”. Trata-se de uma reportagem sobre técnicas de controle das doenças dermatológicas, psoríase e vitiligo¹⁵. Na matéria não há detalhamento sobre as doenças enfatizadas, ambas são apenas classificadas como “doenças dermatológicas” sem mais considerações ou informações.

A matéria informa sobre novas alternativas para o tratamento das patologias, como o laser XTRAC, imunomodulares, nitrogênio líquido, raspagem de pele e infusões. Dessas cinco alternativas, a reportagem enfoca principalmente o laser, destacando: “Menos agressivo, o novo laser XTRAC, equipamento que emite radiações semelhantes aos raios UVB, atua, de forma eficaz apenas nas lesões da pele, sem provocar efeitos colaterais”.

Na reportagem o discurso do entrevistado, o dermatologista Márcio Grinblat, se delineia como fundamental para a compreensão das informações. Além disso, percebe-se que a fonte tem a

¹⁵ De acordo com Costa (2005, p. 340) “psoríase é uma doença crônica da pele, caracterizada por placas avermelhadas bem limitadas, cobertas por escamas prateadas. Essas placas geralmente se localizam nos cotovelos e nos joelhos, mas podem estender-se ao tronco, às extremidades dos membros e mesmo no couro cabeludo”.

Segundo Costa (2005, p. 445) “vitiligo é uma doença caracterizada pelo desaparecimento da pigmentação da pele. Este fenômeno ocorre muitas vezes sem causa aparente em locais variados, às vezes de maneira múltipla, sob forma de manchas brancas, bem delimitadas, redondas, que aparecem sucessiva ou simultaneamente”.

preocupação de traduzir termos desconhecidos, como se verifica na explicação:

No caso da repigmentação das manchas brancas causadas pelo vitiligo, a luz emitida pelo laser proporciona uma recuperação mais estável da lesão, na medida em que estimula diretamente os melanócitos, células que produzem melanina, responsável pela pigmentação da pele.

A reportagem apresenta informações sobre a técnica de tratamento baseada em imunomodulares de uso tópico, os dados sobre essa alternativa são superficiais e ser resumem a duas explicações: “eles conseguem atingir o sistema imunológico do portador da doença” e “pode oferecer ao organismo uma defesa mais adequada”. O repórter também ressalta a técnica do nitrogênio líquido para o tratamento do vitiligo, no entanto não explica em que consiste esse procedimento ou como é realizado.

O assunto técnicas de controle da psoríase e do vitiligo dá continuidade a outra reportagem localizada na segunda página da mesma edição. O título enfoca “Raspagem melhora tratamento estético”.

A matéria destaca um método de tratamento que consiste na “raspagem” de pedaços de pele normal do paciente para a aplicação cirúrgica nas regiões acometidas pela doença: “O método, desenvolvido pelo dermatologista Carlos Santos Machado, consiste em ‘raspar’ pedaços da pele normal do paciente e aplicá-los cirurgicamente, em uma única sessão, nas regiões sem coloração”.

A reportagem, “Raspagem melhora tratamento estético”, logo no primeiro parágrafo especifica o vitiligo como “uma doença que causa descoloração na pele”, diferentemente da reportagem “Vitiligo” que se limitou a caracterizá-lo como uma doença dermatológica.

Para o entendimento da matéria, o discurso do entrevistado, o dermatologista Carlos Santos Machado, é essencial à compreensão da técnica de raspagem. As explicações do médico primam

pela simplicidade, como segue no exemplo: “A pele doadora é raspada em vez de ser cortada. É como se você ralasse a pele, que depois se reconstitui normalmente”.

Em outra expressão, o entrevistado utiliza o termo *confete*¹⁶ para exemplificar outro método de tratamento baseado na retirada de pequenas áreas de pele: “O resultado do enxerto de confetes nas áreas afetadas pela doença deixa a pele saliente e esteticamente com aspecto desagradável”.

A reportagem também apresenta uma receita caseira para o combate do vitiligo. A receita tem como base a planta, conhecida popularmente como *cipó-de-São-João*. No corpo da matéria se destaca duas fotos¹⁷ de tamanho mediano dessa planta.

Por fim, a matéria traz uma coordenada¹⁸ intitulada “Incidência Genética” que especifica características das doenças *psoríase* e *vitiligo*. A leitura dessa coordenada esclarece várias questões sobre ambas as patologias, como segue nos trechos: “A *psoríase* é uma inflamação crônica caracterizada pelo aparecimento de placas avermelhadas e descamativas” e “(...) já o *vitiligo* é uma doença auto-imune que provoca a despigmentação da pele”.

A reportagem destaca também a incidência, as possíveis causas e recomendações sobre ambas as doenças e de modo comum ressalta um vocabulário simples, sem a utilização de jargões científicos.

“Vacina contra o HPV”¹⁹ é o tema da reportagem de capa do *Milenium*, da edição 24 de setembro, que apresenta como enfoque o lançamento dessa vacina na Paraíba. O repórter salienta que a vacina contribui para o tratamento preventivo contra doenças

¹⁶ De acordo com o dicionário Aurélio (2001, p. 174) a expressão *confete* é caracterizada “como cada um dos pequenos discos de papel colorido que atiram uns aos outros, aos punhados, os que brincam no carnaval”.

¹⁷ Observar anexo 14

¹⁸ A coordenada no jornalismo é utilizada para desdobrar, contextualizar assuntos paralelos aos destacados no corpo da matéria.

¹⁹ De acordo com COSTA (2005, p. 224) “HPV é um tipo de vírus que infecta as células, principalmente do colo uterino, vagina, vulva, pênis e ânus, constituindo-se na formação de doenças sexualmente transmissíveis”.

como: “câncer de colo de útero, vulva e vagina, nas mulheres e câncer de pênis, ânus e região perianal, nos homens, além de combater o câncer de orofaringe e laringe”.

Todavia, vale salientar que o repórter não especifica o que é o HPV, apenas informa, sua nomenclatura, como se verifica na frase: “O lançamento da vacina contra o HPV (papilomavírus humano)”.

De acordo com Bertolli Filho (2006) uma das características do jornalismo científico é produzir matérias que envolvam emoções humanas, com o objetivo de informar a sociedade, mas também sensibiliza-la e preveni-la.

A reportagem “Vacina contra o HPV” sinaliza a tendência destacada pelo autor, já que se constitui em uma tentativa de sensibilizar o leitor quanto à prevenção, pois a veiculação de informações sobre a vacina contribui também para estimular a prevenção das doenças citadas anteriormente.

A matéria reflete a incidência do câncer de colo de útero no Nordeste, indicando que esse tipo de câncer é o segundo mais comum nessa região:

Roberto Lacerda, que esteve no Congresso no Rio, lembrou que o câncer de colo de útero é o segundo tipo mais comum em mulheres das Regiões Norte e Nordeste, ficando atrás apenas do câncer de mama. Conforme ele, no Brasil este tipo de patologia mata cerca de 6 mil mulheres por ano.

Quanto às informações veiculadas na reportagem, vale destacar a explicação sobre os elementos constituintes da vacina, caracterizada como quadrivalente, seguida do comentário: “O que quer dizer que é composta de 4 sorotipos do próprio HPV”. Todavia não há especificação sobre o que são sorotipos²⁰. Ainda informa que dois desses sorotipos são oncogênicos (causam câncer), que contribuem para reduzir o risco de câncer e os outros

²⁰ O termo sorotipo relaciona-se a substâncias líquidas do sangue, as quais servem como inativadores para outras substâncias. Para melhor entendimento

dois sorotipos protegem casos de verrugas no colo uterino e na vulva vaginal.

Na reportagem é informado que a vacina será aplicada em três doses injetáveis, sendo que haverá um intervalo de dois meses da primeira dose para a segunda e de seis meses da segunda para a terceira dose. Avaliando o conteúdo da reportagem, consideramos que este se deteve ao plano informativo, sem muitos desdobramentos e contextualizações.

O primeiro suplemento do mês de outubro apresenta uma reportagem de capa “Controle da asma com dose mensal”, enfatizando uma nova terapia, chamada Anti-IgE ou imunoglobulina E para o tratamento da asma.

Na matéria, o repórter contextualiza várias informações sobre a incidência da doença e o número de mortes, como podemos verificar nas expressões: “Doença que mata anualmente cerca de 180 mil pessoas e afeta 7% da população mundial”, como também, “são 493 mortes por dia e uma média de 20,5 por hora”. A matéria ressalta que a aplicação da terapia é indicada para pessoas que sofrem de asma grave, ou seja, que mesmo com o tratamento não conseguem controlar a doença.

Percebemos na reportagem, o uso de analogias ou comparações que facilitam o entendimento do assunto. Na frase abaixo é realizada uma comparação de similaridade com a doença diabetes: “A aplicação da substância anti-IgE é feita através de aplicações subcutâneas, como a aplicação da insulina nos diabéticos”. Soma-se a isso também a informação de que o nome terapia anti-IgE relaciona-se ao combate da substância IgE, propulsora das reações alérgicas comuns a asma.

“Controle de asma com dose mensal” ainda ressalta aspectos paralelos à asma. O primeiro diz respeito à citação de que o custo do tratamento da doença é muito alto e que o preço da terapia anti-IgE custa em média 1 mil reais, bem como ainda alerta

ver: AMABIS, José Mariano e MARTHO, Gilberto Rodrigues. Fundamentos da biologia moderna. São Paulo. Moderna, 1998.

para os riscos da automedicação e sobre o uso de alguns medicamentos que “apenas tiram a crise”, mas não tratam a doença adequadamente.

No final, a reportagem alerta sobre o uso da terapia anti-IgE, que só deve ser utilizada em casos graves de asma: “As pessoas que sofrem de asma leve ou moderada não têm o tratamento com anti-IgE indicado, já que conseguem controlar a doença com o tratamento preventivo”.

O Milenium 08 de outubro destaca na primeira página a reportagem “10 passos para turbinar o cérebro”. Uma característica marcante do texto é que o discurso está sedimentado em uma linguagem simples e em tom de informalidade, como se exemplifica nas expressões: “Você não precisa se tornar um verme de livro”, “para funcionar direitinho o cérebro precisa (...)” ou ainda em expressões informais como “você é o que você come”. Há também a utilização de gírias, como a palavra turbinar, utilizada no título e que remete a idéia de “melhorar” ou “aprimorar” ou o uso de metáforas como na frase “O feijão é um dos heróis da inteligência”.

A reportagem enfoca algumas técnicas e hábitos que auxiliam as atividades do cérebro. Nesse contexto, destaca uma dieta para aumentar a inteligência, baseada na harmonia de vários alimentos. A entrevistada, a nutricionista Ana Paula Leal, explica: “Aumentar a disponibilidade de nutrientes garante o bom funcionamento cerebral. Assim, você assimila as informações mais rapidamente”. Nessa conjuntura, a fonte da reportagem dá várias dicas de alimentos que contribuem para o funcionamento do cérebro, tais como, chocolates, saladas, iogurte, ovos, e o feijão.

No último parágrafo, a reportagem destaca que o consumo da substância ômega 3 é essencial para o bom desempenho do cérebro. Por isso, o peixe - rico em ômega 3- “é a melhor comida para o desenvolvimento do cérebro”. A linguagem simples e informal utilizada no texto da reportagem possibilita que o leitor compreenda o conteúdo da matéria de forma descontraída.

Dando continuidade, a análise das reportagens da edição 08 de

outubro, a quinta página dessa edição destaca “AVC é o principal motivo de mortes no Brasil, diz pesquisa”. A reportagem apresenta informações sobre os acidentes vasculares cerebrais, destacando as nomenclaturas referidas aos mesmos, como segue na frase: “Conhecido como AVCs, ou popularmente como derrames cerebrais. A citação dessa variação de nomes facilita a compreensão das informações científicas.

O repórter informa que os derrames cerebrais, na maioria das vezes, são fatais ou resultam em graves seqüelas e que por isso são uma das principais causas de morte e de incapacitação física em todo o mundo. Além disso, explica que a elevada incidência do AVC é conseqüência do aumento da expectativa de vida e de hábitos inadequados da população brasileira. Contudo não há mais detalhes ou informações sobre a relação da incidência dos derrames e o aumento da expectativa de vida.

Destaca-se na reportagem, a presença de um desenho explicativo²¹ sobre a ocorrência de um derrame cerebral, configurando-se como um dado somatório para a percepção da informação científica em sua totalidade.

Para Bertolli Filho (2006, p. 19), o leitor deve sempre ser poupado de qualquer dificuldade para a interpretação de uma informação científica. O autor conceitua o leitor, de um modo geral, como um comparador de um produto – a informação. Por isso, para o autor: “Como comprador de uma mercadoria, o leitor deve ser poupado o máximo possível de qualquer dificuldade, cabendo ao jornalista servir-se de uma linguagem apropriada e também de gráficos, quadros sinópticos, mapas e imagens, dentre outros recursos”.

Neste contexto, de decodificação da informação científica vale salientar também que a reportagem buscou descrever em pormenores como acontece um acidente vascular cerebral:

Acontece quando as artérias carótidas (vasos do pescoço que levam sangue para o cérebro) ficam en-

²¹ Ver anexo 20

tupidas por placas de aterosclerose (restos de gordura, de cálcio, de coágulos sanguíneos) que, de tempos em tempos podem desprender “pedaços” (chamados de êmbolos) que vão para o cérebro, onde entopem vasos menores.

Desta forma, percebe-se que a descrição do derrame cerebral, apesar de constar de nomenclaturas científicas desconhecidas para o público é seguida de uma “tradução” em linguagem simples do significado das substâncias citadas, o que proporciona um entendimento mais conciso da informação.

A edição 29 de outubro traz como enfoque “Epilepsia tem cura”. A reportagem ressalta que a epilepsia não é uma doença crônica e que por isso pode ser curada mediante intervenção cirúrgica e tratamento medicamentoso. Todo o texto da matéria é construído baseado nos comentários do neurologista e pesquisador, Marco Aurélio Smith.

A reportagem especifica o procedimento cirúrgico para o tratamento da epilepsia e esclarece termos científicos, como por exemplo, esclerose mesial temporal: “A cirurgia da epilepsia é realizada a partir da constatação, por meio de uma ressonância magnética, da esclerose mesial temporal, que é uma lesão no cérebro, retirada pela intervenção operatória”. As causas dessa lesão no cérebro estão relacionadas a partos demorados, nos quais a criança pode sofrer uma falta de oxigênio no cérebro.

Na seqüência, a reportagem menciona definições para a epilepsia. Como podemos observar na expressão abaixo, o pesquisador realça uma preocupação em adequar a explicação à linguagem do leitor:

Segundo, Marco Aurélio, uma das definições, que pode ser a mais prática e servir até para pessoas leigas diz tratar-se de uma espécie de descarga elétrica nos neurônios cerebrais provocadas por neurotransmissores excitatórios, sentida pelo nosso organismo em forma de crises epilépticas.

Todavia destacamos dessa citação, a frase “(...) e servir até para pessoas leigas”, que indica a concepção apontada por Bertolli Filho no item 1.1.4 do primeiro capítulo, de que há uma tendência mundial de os leitores de matérias sobre ciência sempre serem representados como “analfabetos científicos”. O autor (2006, p. 18) especifica:

O empenho em veicular matérias científicas e encontrar leitores que as consumam e as entendam tem, como elemento limitador e ao mesmo tempo como pano de fundo o sempre invocado “analfabetismo científico”. Esta questão, dependendo do âmbito da análise, ora localiza no jornalista a incapacidade de redigir matérias fidedignas às fontes e de fácil leitura, ora nos leitores, que geralmente são avaliados como incapazes de decifrar as regras básicas do pensamento e da produção científica.

Dando continuidade, o entrevistado salienta que existe cerca de 50 tipos de crises epiléticas, citando a nomenclatura de algumas; como por exemplo, as crises parciais simples ou as crises focais e as crises parciais complexas.

A citação de algumas tipologias de crises epiléticas se delinea apenas como um dado complementar, já que não há um detalhamento de nenhuma delas, pelo contrário ao citar a crise parcial complexa, a reportagem apenas constata: “Lembrando ainda a crise parcial complexa, onde a pessoa pode sofrer ao atravessar a rua, sem perigo de ser atropelada”. Essa explicação não especifica esse tipo de crise, delineando-se como um trecho deslocado na conjuntura da reportagem.

Apoiando-se em Barichello e Garcia (2003), que correlacionam à alusão de exemplos habituais da vida de pessoas comuns como um valor somatório ao entendimento da informação científica, a reportagem “Epilepsia tem cura” exemplifica os efeitos do uso da intervenção cirúrgica, citando o caso do presidente da As-

sociação dos Portadores de Epilepsia da Paraíba, João Hércules Bezerra.

Dessa forma, a reportagem relata a história de vida de João Hércules, enfatizando trechos sobre sua infância e sobre as diárias crises epiléticas do paciente. Destacando os resultados positivos da intervenção cirúrgica, já que o mesmo não foi mais acometido por crises epiléticas: “Hoje dirijo, cavalgo, subo a serra para caçar, nado, tomo banho de açude e posso comer todo tipo de comida”.

O repórter ressalta fatores paralelos à intervenção cirúrgica, como por exemplo, a obtenção do dinheiro para pagar a operação: “Para ser operado, ele teve que pagar a quantia de R\$ 25 mil, dinheiro este que conseguiu peregrinando por vários cantos do Brasil (...)”. Depois dessa informação, a reportagem ainda elucida o desconhecimento de João Hércules em relação a possibilidade de gratuidade da cirurgia: “Após sair pedindo dinheiro afora, ter se submetido à cirurgia na qual foi retirada a lesão do lado direito do cérebro, João Hércules descobriu que a operação era feita de forma gratuita através do SUS (Sistema Único de Saúde)”.

Assim sendo, podemos caracterizar que a reportagem “Epilepsia tem cura” é dividida em duas partes, que se complementam e que abordam várias perspectivas sobre a epilepsia. A primeira informa sobre a possibilidade da técnica de intervenção cirúrgica para o tratamento da doença e a segunda contextualiza a epilepsia na vida de um cidadão, destacando os resultados positivos da operação no tratamento da doença. Por isso, observando a matéria em sua plenitude percebemos que a mesma destacou desdobramentos acerca da temática, no caso a doença epilepsia, não se restringindo apenas a enfatizar o tratamento cirúrgico da doença.

4.3.2 A tecnologia como fonte de inovações

Informática

Não há dúvidas da influência do desenvolvimento tecnológico para a sociedade. De acordo com isso, Oliveira (2005, p. 12) destaca que “os avanços das tecnologias são cada vez mais determinantes para o contexto social, econômico e político da vida”. A autora ainda enfatiza que o desenvolvimento tecnológico está presente nas diferentes ações corriqueiras do dia-a-dia e exemplifica:

Quando pegamos o telefone para uma ligação interurbana, nossa voz viaja através de um sofisticado satélite artificial colocado no espaço a milhares de quilômetros da Terra. A televisão, o rádio, o transporte rápido, que hoje pode nos levar em poucas horas a qualquer ponto do planeta, são produtos do engenho humano integrados ao nosso cotidiano. (OLIVEIRA. 2005, p. 15).

Partindo dessa perspectiva, Romanini (2005) delimita que os assuntos que envolvem os desdobramentos acerca de experimentos ou descobertas tecnológicas chamam muito a atenção do público leigo. O autor (2005, p. 106) especifica: “A tecnologia é mais interessante porque tem um impacto certo e quase sempre imediato na vida das pessoas”.

De acordo com o contexto enfatizado por Romanini, a edição 13 de agosto apresenta na primeira página, uma reportagem sobre novas tecnologias, mais especificamente sobre dois projetos desenvolvidos na Universidade Federal de Campina Grande. O título destaca “Super-computadores” e o sub-título explica “PC garante à Paraíba melhor laboratório meteorológico do País e sistema da UFCG interliga máquinas numa ‘rede mundial popular’”. Cabe observar o termo PC²² que no contexto substitui a palavra

²² A sigla PC significa Personal Computer, Tradução: Computador Pessoal.

computador. O uso desse termo pode dificultar a compreensão do leitor que desconhece tal sigla.

Nas primeiras linhas da matéria, o repórter destaca que pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba desenvolveram a tecnologia *OurdGrid*, contrariando o título que ressaltou que o sistema tinha sido idealizado pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG²³.

No texto da matéria, o repórter não explica o que é o *OurdGrid*. Esse sistema é apenas citado na reportagem sem mais explicações sobre sua natureza e funcionalidade. Isso prejudica a compreensão do texto e compromete todo o contexto da matéria, já que a seqüência da reportagem enfatiza o projeto *SegHidro*, que no caso utiliza a tecnologia *OurdGrid*.

Sobre o *SegHidro*, o texto destaca primeiro o órgão financiador da pesquisa – Ministério de Ciência e Tecnologia, posteriormente que o projeto aumentou em cem por cento a previsão e mapeamento da meteorologia e dos recursos hídricos, para então explicar em que consiste o projeto – “a união dos conhecimentos meteorológicos e hídricos por meio de aplicações de grades computacionais”. Essa inversão de informações afeta a compreensão da informação científica.

Vale observar o uso de termos pouco acessíveis ao leitor comum como, por exemplo, grades computacionais. A utilização de uma linguagem pouco acessível também dificulta a percepção da matéria e contradiz o que Pippi e Peruzollo (2003, p. 198) ressaltam como prioridade na divulgação de assuntos científicos: “A utilização de uma linguagem acessível torna-se, nessa perspectiva, o principal meio de aproximar a ciência das pessoas e facilitar às mesmas a compreensão dos fatos”.

Na seqüência, a reportagem resalta por meio do discurso do pesquisador Marcelo Meira, a relevância do *SegHidro* e menciona a iniciativa prática do projeto que contribui diretamente para a comunidade: “A Universidade precisa colaborar com a comunidade

²³ Ver anexo 3

e essa é uma grande conquista. Prever uma seca ou a necessidade de racionamento de água é muito importante para o Nordeste”.

Através de um novo sub-título “Tecnologia exportada para EUA e Europa”, a reportagem coloca em evidência o projeto *OurdGrid*, citado anteriormente. Dessa forma, o repórter destaca que o *OurdGrid* foi criado no ano de 2003 e representa: “Um sistema que interliga computadores para disponibilizar pesquisas avançadas dentro de uma grade virtual”. Todavia, uma explicação mais informal sobre o projeto é destacada na fala do pesquisador Walfredo Cirne que com poucas palavras destaca o funcionamento o *OurdGrid* - “foi aí que eu bolei um sistema que funciona como um computador individual formado por outros computadores.”

Contudo, cabe realçar que a reportagem, de um modo geral deixou algumas lacunas que se tornaram empecilho para compreensão efetiva dos projetos. Por exemplo, a explicação sobre a tecnologia *OurdGrid* é primordial para o entendimento do projeto *SegHidro*, entretanto apenas no final da reportagem o leitor tem acesso às informações sobre o que é o *OurGrid*. Isso gera certa confusão para a compreensão da matéria em sua plenitude.

A edição 10 de setembro também destaca uma reportagem sobre um sistema computacional desenvolvido na Universidade Federal de Campina Grande - “Sistema da UFCG protege dados do PC quântico, milhares de vezes mais veloz”.

O texto da reportagem se localiza no centro de uma imagem²⁴ que remete a tela de um computador, mais precisamente de um notebook. No lado direito há uma figura da personagem Super-

²⁴ Ver anexo 11

Homem²⁵, no qual a cabeça está inserida em uma tela pequena de computador, no tórax há um desenho que representa um teclado.

Pippi e Peruzollo (2003, p. 201) ressaltam a importância da utilização de imagens para facilitar a compreensão de informações científicas. “Anexar informações extras, infográficos, fotos, gravuras torna o texto atraente e leve para o leitor, além de facilitar a adequação lingüística de termos científicos”.

Contudo, faz-se necessário notar certa dificuldade para a leitura da reportagem, já que o desenho da tela de computador no qual o texto está inserido é preto e dessa forma as letras do texto são brancas e muito pequenas, tornando-se um obstáculo à leitura.

A reportagem enfatiza que a UFCG, em parceria com a Universidade Federal do Ceará criaram o primeiro protótipo brasileiro de sistema quântico com fótons isolados para distribuição de chaves secretas. Todavia, o que é um sistema quântico? O que são fótons? O que são chaves secretas? A resposta desses questionamentos é fundamental para a percepção da pesquisa.

Apesar disso, a reportagem limita-se a explicar o que são chaves secretas, por meio da fala do pesquisador Francisco Marcos: “Se quero passar uma mensagem secreta de modo absolutamente seguro, devo usar uma chave - uma seqüência de números - do tamanho da minha mensagem e depois fazer uma operação de soma, que resultará numa seqüência de um número ao acaso”. Mesmo assim, o conteúdo da explicação não é detalhado e não é de fácil compreensão.

A matéria ainda destaca que as chaves-secretas funcionarão como um antídoto para problemas que serão causados no comér-

²⁵ A personagem Super-Homem foi criada por Joe Shuster e Jerry Siegel em junho de 1938. De acordo com a história criada pelos autores, a personagem era filho de um cientista do planeta Krypton que descobriu que tal planeta estava morrendo. Por isso enviou seu filho para o planeta Terra, para que ele sobrevivesse. Na Terra ele foi criado por um casal de fazendeiros que lhe ensinou o American Way Of Life (estilo de vida americano). O sol do planeta Terra lhe concedeu poderes como: vôo, super-força, super-audição, super-sopro e indestrutibilidade, ver: Action Comics nº 1, Editora DC Comics, 1938.

cio eletrônico com a chegada dos computadores quânticos. No entanto, questionamos o que são computadores quânticos?

A resposta está na reportagem da segunda página, que enfatiza “PC quântico dá mais segurança eletrônica”. Assim nas primeiras linhas da matéria o leitor tem acesso a informações sobre o que consiste um computador quântico em comparação ao computador comum: “O computador quântico utiliza sistemas quânticos (átomos, moléculas ou fótons) para registrar informações”.

A reportagem esclarece que os computadores quânticos conseguem representar informação e números de maneira muito mais eficiente - detendo grande capacidade para resolver problemas científicos e numéricos: “Os computadores clássicos gastariam milhares de anos para resolver problemas de fatoração envolvendo números grandes, da ordem de centenas de dígitos. O problema seria resolvido pelos quânticos em algumas horas”. Ainda realça que graças a capacidade operacional desse tipo de computador, ele pode quebrar sistemas de segurança no comércio eletrônico, já que o comércio eletrônico utiliza cálculos de fatoração que podem ser facilmente resolvidos pelos computadores quânticos.

Retornando ao assunto chaves-secretas, a matéria destaca que elas representam um remédio para se evitar roubos de informações durante transações de compras no comércio eletrônico: “Com sistemas como esse montado em Fortaleza, para distribuir chaves, o sistema passa novamente a ser inviolável”. Por fim, a reportagem menciona que as pesquisas sobre computadores quânticos são muito recentes e que até o momento só existem protótipos desse tipo de computador.

De um modo geral, as informações das reportagens “Sistema da UFCG protege dados do PC quântico, milhares de vezes mais veloz” e “PC quântico dá mais segurança eletrônica” se complementam. Lendo o conteúdo de ambas, o leitor obtém um panorama sobre as perspectivas dos computadores quânticos e suas implicações, bem como sobre a utilização das chaves-secretas neste contexto.

Contudo, cabe ressaltar que a primeira reportagem só é entendida claramente com a leitura da segunda, por meio das informações sobre o que são computadores quânticos, essenciais para a compreensão do assunto chaves-secretas.

Inventos e equipamentos tecnológicos

No mundo da ciência, as pesquisas que envolvem o estudo de tecnologias têm proporcionado o surgimento de novas técnicas e inventos que cada vez mais se inserem no dia-a-dia da sociedade. De acordo com essa perspectiva, o suplemento Milenium destaca reportagens que enfatizam avanços tecnológicos e a divulgação de novos aparelhos e equipamentos.

A edição 24 de setembro apresenta na página F-6, uma reportagem intitulada “Invento facilita ultrapassagem em BRs”. Apesar de estar localizada na última página do suplemento, que geralmente veicula uma reportagem nacional ou internacional, a matéria em análise contextualiza inventos criados por um paraibano, ou seja, enfatiza um assunto local.

Por isso, a reportagem se caracteriza como uma exceção da tendência verificada anteriormente de que assuntos locais são prioridade na capa ou na segunda página do suplemento.

De um modo geral, a matéria especifica a história de vida do inventor Antônio Onofre Guerra - compreendido dessa forma como a personagem principal da reportagem - enfatizando sua carreira como inventor e destacando algumas de suas criações.

Assim sendo, o repórter informa primeiramente sobre um invento chamado antevisor e explica: “Um sistema que permite ao motorista ver o tráfego dos veículos que estão em sentido oposto, e verificar se a ultrapassagem é viável” e ainda esclarece de modo simples o funcionamento do invento: “O sistema funciona a partir da instalação de uma microcâmera na parte de trás do retrovisor que fica do lado do motorista, para enviar a imagem para uma microtelevisão colocada no painel do veículo”.

Vale destacar na edição da reportagem uma foto²⁶ em tamanho grande do inventor, segurando um papel que esboça um arcabouço do invento.

Uma característica marcante na reportagem “Invento facilita ultrapassagem em BRs” é o detalhamento em pormenores do invento, especificando o procedimento de instalação, as razões que norteiam o surgimento do invento e contextualizando perspectivas a respeito do mesmo, como se observa na expressão: “O antevisor que surgiu esse ano é, na verdade, uma atualização de um sistema criado por Antônio Guerra em 1968. Como não havia câmera nem microtv naquela época, o antevisor era um jogo de prismas, de espelhos”.

Um ponto de proeminência na análise da reportagem é que diante de nossa leitura nos deparamos com algumas repetições de informações. Na matéria, o repórter utilizou dois trechos repetidamente durante o desenvolvimento do texto. Por exemplo, no primeiro parágrafo se destaca a seguinte frase: “(...) da instalação de uma microcâmera na parte de trás do retrovisor que fica ao lado do motorista”, repetida da mesma forma no terceiro parágrafo. O mesmo acontece com o trecho abaixo, repetido criteriosamente no sétimo parágrafo:

Ainda não há previsão de quando o equipamento poderá estar disponível no mercado. Além da aprovação do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), é necessário ainda interesse de empresários em industrializar o antevisor, mas Guerra tem esperança de que o invento vai vingar.

Essa dupla repetição de trechos na reportagem pode ser assinalada como uma gafe, cometida pela falta de uma releitura das informações contidas no texto. Dando continuidade as observações da reportagem percebemos que a mesma não se limita a informar apenas sobre o antevisor, mas caracteriza também outras criações do inventor.

²⁶ Ver anexo 16

Portanto, o repórter ressalta que o inventor Antônio Onofre Guerra projetou as seguintes idealizações: uma válvula para o sistema de freios de veículos, um dispositivo de segurança para disparar automaticamente o extintor de veículos, um quadro elétrico para promover alfabetização de crianças e um sistema para indicar a quantidade de gás de um botijão.

Vale salientar que todas as descrições dos inventos são permeadas de informações sobre o surgimento da idéia, ou as razões que motivaram o inventor a idealizar a criação, por exemplo, os motivos da projeção do dispositivo para disparar automaticamente o extintor de veículos: “Foi inspirado em uma tragédia pessoal, na qual o inventor presenciou a morte da esposa de um amigo, provocada por um incêndio em um carro”²⁷. Ou ainda, o sistema para indicar a quantidade de gás de um botijão foi idealizado para promover comodidade para a esposa do criador.

A reportagem ainda apresenta informações paralelas e complementares sobre outras criações do inventor, tais como, a construção de um avião KR2 e de um barco, bem como informa sobre um acidente acontecido com o mesmo, deixando-o paraplégico, exemplificado nas frases: “Mas um acontecimento o fez mudar os planos de voar mundo afora. Em 1993, ao pedir ajuda a um leigo para decolar, Guerra pagou um preço muito alto por isso. Sofreu um acidente no avião que pilotava, e uma fratura na coluna o deixou paraplégico”.

A última criação citada na reportagem se configura em uma asa-delta de rodinhas, o idealizador explica em que consiste esse invento: “Meu invento consiste em uma prancha de madeira com rodinhas para que, ao invés de se exigir que eu corra com as asas do asa-delta nas costas para alçar vôo, uma pessoa me empurre, e saio de cima da prancha voando”.

Relacionando as peculiaridades enfatizadas por Sodré e Ferrari (1986) de que o gênero jornalístico reportagem se caracteriza pelo desdobramento do fato principal, a matéria “Invento facilita ultrapassagem em BRs” não poupou informações paralelas acerca

²⁷ Ver anexo 16

dos inventos de Antônio Onofre Guerra, estabelecendo até mesmo que “o dom de inventar coisas” é passado de geração em geração na família Guerra, pois: “O pai de Antônio Guerra, um químico industrial, também era inventor, e criou, por exemplo, a tradicional Água Rabelo” e os quatro filhos de Guerra também estão seguindo a mesma trilha”.

A edição 01 de outubro do Milenium traz na sexta página a matéria “Equipamento diz hora certa de plantar”. Em conformidade com a reportagem analisada anteriormente “Invento facilita ultrapassagem em BRs, a matéria em destaque apesar de se localizar na página F-6 prioriza um assunto local, destacando o programa a Hora de Plantar, implantando em Campina Grande. No corpo de reportagem chama a atenção uma foto²⁸ em tamanho grande de dois agricultores em uma plantação, onde em close destacam-se duas mãos segurando certa quantidade de terra.

O programa foi desenvolvido pela Agência Executiva de Gestão de Águas do Estado da Paraíba, Aesa, e tem como objetivo principal o monitoramento dos solos das regiões paraibanas, por meio de computadores de alta potência. O trecho abaixo, exemplifica algumas informações acerca do programa: “O modelo (...) começou a ser desenvolvido a pouco mais de um ano, depois da aquisição de dois equipamentos importados, chamados de clusters”.

Na seqüência, a reportagem apresenta várias informações sobre o equipamento cluster, informando que os mesmos servem para procedimentos e implementos computacionais. E destaca por meio da fonte, o meteorologista Alexandre Magno, a utilidade do aparelho: “Com ele, poderemos acompanhar as chuvas, temperaturas, umidade e ventos, para que possamos a partir desses dados divulgar qual o período favorável para a plantação”.

O repórter informa ainda que o cluster permite prognósticos para o período chuvoso e também possibilita a previsão do tempo para os bairros de Campina e municípios da Paraíba, como sinaliza o trecho: “Vamos desenvolver modelos de previsão de tempo

²⁸ Ver anexo 18

e clima para todos os bairros da cidade e também pequenas regiões do Estado, além de modelos hidrológicos de alta resolução e grande precisão (...).²⁹

Como forma de exemplificação e de ampliação da abordagem acerca das vantagens desse modelo desenvolvido pela Aesa, a reportagem apresenta a fala de um segundo entrevistado, o agricultor Francisco de Assis, que se configura como um dado afirmativo sobre os possíveis benefícios do programa: “Qualquer tipo de informação para beneficiar o agricultor é válida e muito bem vinda. Espero que possamos a partir dos resultados divulgados pela Aesa melhorar a produção e diminuir os prejuízos”.

Diante das observações, podemos caracterizar que a reportagem “Equipamento diz hora certa de plantar”, não se restringe a apenas informar sobre o projeto “a Hora de Plantar”, mas também contextualiza aspectos paralelos à temática, como por exemplo, à alusão de técnicas populares que condicionam aos agricultores sabedoria e experiência sobre o período mais propício ao cultivo de plantações. As informações sobre essas técnicas populares manifestam exemplificar uma realidade muito comum no interior nordestino, no qual muitos agricultores recorrem, por exemplo, a simpatias e orações para o Santo São José.

No final, a reportagem detalha que os agricultores terão acesso às informações emitidas pelo cluster por meio de relatórios regionais e diários divulgados pela Aesa para a Secretaria de Agricultura do Estado e menciona: “Os órgãos ficarão encarregados de transformar os relatórios técnicos numa linguagem acessível aos agricultores e repassa-las às secretarias municipais de agricultura, que deverão se responsabilizar pela divulgação dos documentos”.

A segunda página da edição 15 de outubro destaca “Bactéria ajuda na exploração do petróleo”. A reportagem apresenta como eixo principal informações sobre a utilização da bactéria *Xanthomonas* na indústria petrolífera.

De acordo com a reportagem, a bactéria resulta em uma substância chamada de goma xantana, que pode ser utilizada: “Como

²⁹ Observar anexo 18

matéria prima para a produção de viscosificantes e espessantes usados como lubrificante e protetor das brocas de perfuração de poços de petróleo”.

Na matéria, o repórter utiliza termos triviais que contribuem para a compreensão das informações, no entanto não se aprofunda no assunto, apenas informando as razões do uso da *Xanthomona* na indústria petrolífera e também algumas características da bactéria, tais como: “Antes, devido a sua característica espessante, o produto era usado apenas na indústria alimentícia, na produção de sorvetes, iogurtes, achocolatados, além de cosméticos e fármacos”.

A fala de Edson Buzanelli, diretor-presidente da empresa Quantas Biotecnologia, a única que produz no Brasil, a goma de xamana, especifica como a mesma é usada na perfuração de poços de petróleo: “é usado como uma espécie de lubrificante para proteger as brocas de perfuração contra o desgaste”³⁰. O entrevistado ainda destaca que uma das vantagens do uso da goma de xamana é que se trata de uma matéria-prima renovável.

A quinta página do Milenium 29 de outubro destaca uma reportagem sobre o uso de sementes de abóbora e de outras plantas em redes de telefonia. O título enfoca “Óleo de semente de abóbora ajudará na telefonia móvel”, o subtítulo contextualiza “Revolução envolve, ainda, palmas e sementes de amendoim e pinhão”. Nas primeiras linhas informa-se que essa idéia é um artifício de um plano de substituição de combustíveis fósseis por biocombustíveis em países da África e exemplifica: “O óleo de palmeira, de amendoim, de sementes de abóbora pode em breve começar a gerar eletricidade que ajudaria acionar redes de telefonia móvel em toda África”.

Entretanto, a matéria não explica detalhadamente como esses “óleos” podem gerar eletricidade ou como se dá a substituição de óleos diesel pelos mesmos, deixando uma lacuna informacional à respeito desse fato, limitando a informar: “A gigante sueca das telecomunicações Ericsson e a operadora sul-africana de telefonia

³⁰ Ver anexo 22

móvel MIN anunciaram que querem começar a substituir o óleo diesel por biocombustíveis, em estações de geração de eletricidade”.

A reportagem faz alusão às vantagens do uso de biocombustíveis e relaciona essa questão ao fortalecimento da economia local dos países africanos: “As safras necessárias à geração de biocombustíveis serão cultivadas perto das estações-base, o que ajudará os agricultores locais, reduzirá a dependência de combustíveis fósseis”. A partir da análise, percebe-se que a matéria não se aprofundou no assunto, limitando-se ao plano informativo, sem mais desdobramentos ou perspectivas acerca da temática.

Tecnologia e engenharia

O desenvolvimento de novas tecnologias e técnicas muitas vezes está sedimentado no aprimoramento de mecanismos e procedimentos milenares, como por exemplo, o uso da terra na construção de tijolos e edificações - técnica muito antiga utilizada no campo da engenharia civil e que atualmente vem aglutinando o uso de tecnologias como fonte de melhoramento de sua funcionalidade.

Assim sendo, a edição 22 de outubro apresenta a reportagem “Ciência no canteiro de obras”, que destaca o uso de materiais e técnicas alternativas para construções. O repórter cita logo nas primeiras linhas várias possibilidades alternativas, tais como: “Tijolos de terra, argamassa de argila, telhas de papel e com mistura de sisal, telhado e estruturas de bambu, paredes completas de terra, reaproveitamento de resíduos de indústrias e construção e substituição do cimento comum por material alternativo”.

Na matéria são ressaltadas as vantagens do uso desses materiais, o repórter afirma que além de promover um barateamento no custo das construções, os mesmos causam menor impacto ambiental. Entretanto, apesar dessas vantagens, a burocracia brasileira impede o uso desses materiais em larga escala. A reportagem contextualiza os motivos dessa questão, e dessa forma expõe um

ponto de confronto acerca do uso das técnicas com materiais alternativos, como se observa no trecho a seguir:

No entanto, por causa da burocracia do país, essas técnicas só poderão ser utilizadas em larga escala, no mínimo, em 10 anos, quando as normas para construções com materiais alternativos ficarem prontas e forem aprovadas pelos órgãos responsáveis pela construção civil.

A matéria apresenta várias informações pertinentes ao contexto dos materiais alternativos, comparando, por exemplo, que em países europeus essas técnicas de reaproveitamento são utilizadas rotineiramente, diferentemente da cultura brasileira que, por enquanto, só as utiliza para construções de casas e prédios populares para beneficiar as populações carentes.

Diante do exposto podemos afirmar que a reportagem em análise contextualiza muitas questões paralelas ao contexto dos materiais alternativos, contribuindo dessa forma para aprofundar o assunto em sua totalidade. Vale salientar que no desenvolvimento do texto não há termos científicos ou palavras desconhecidas para o leitor comum.

No final, o repórter destaca a qualidade desses materiais alternativos, afirmando que muitas vezes as propriedades dos mesmos são superiores as do material convencional e traz detalhamentos sobre a produção de duas técnicas citadas anteriormente: a argamassa alternativa (baseada em terra) e dois tipos de tijolos de terra (o Adobe e o BTC). Sobre esses tijolos a reportagem informa: “A diferença entre os dois tijolos é que o Adobe é feito manualmente e o BTC utiliza prensas. Ambos secam com o sol, sem a necessidade de fornos. Por isso, não ecologicamente corretos”.

Na segunda página da própria edição o tema materiais alternativos continua; o título da reportagem destaca “Parede oferece conforto térmico” e o subtítulo informa “Professores da UFPB vêm estudando, ainda, a produção de telhas de cimento e sisal”.

Uma questão acentuada na análise da matéria é que o todo o texto da mesma se apresenta como um prolongamento da primeira reportagem de capa “Ciência no canteiro de obras”, no entanto, de certa forma, a segunda aprofunda mais o tema.

No primeiro parágrafo, a matéria destaca a técnica de construção de paredes de terra compactada. O primeiro entrevistado, o professor Givanildo Azeredo, explica em pormenores em que consiste a técnica; a explicação não destaca termos científicos e se torna fundamental para o entendimento do assunto: “Nós fazemos uma base de madeira e colocamos a terra, compactamos tudo em um único bloco, fica uma parede resistente, pois tem aproximadamente 50 centímetros de espessura”;

Dando continuidade, a matéria explica a técnica de reaproveitamento de metralhas de tijolo cerâmico, que podem ser reutilizadas na produção de novos tijolos ou em argamassas: “O processo de transformação é simples: a metralha é moída e transformada em material bastante fino, que é misturado à terra, em proporções adequadas para cada tipo de material”.

A utilização do termo metralha³¹ remete a idéia de “resto”, de “pedaços miúdos” e se configura em um exemplo da utilização de termos coloquiais na reportagem. Da mesma forma, todo o texto da matéria prima por uma linguagem simples.

Na mesma perspectiva da reportagem “Ciência no canteiro de obras”, a matéria “Parede oferece conforto térmico” reforça a idéia de que os materiais alternativos causam menor impacto ao meio ambiente.

Na seqüência, se destaca informações sobre uma pesquisa referente a um tipo de telha baseada na mistura de cimento e fibra de sisal. Neste contexto, o repórter enfatiza que estão sendo realizados testes para saber a durabilidade desse tipo de material. A segunda fonte, da reportagem, o professor Normando Perazzo, sinaliza os benefícios desse tipo de telha e relaciona o uso da mesma

³¹ De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda (1994, p. 420), a palavra metralha está associada a “munição miúda com que se carregam peças de artilharia; fragmentos em que se divide um projétil ao explodir.

a questões sociais: “O interessante desse tipo de material (...) é que podemos ensinar a população carente. As pessoas podem fabricar a sua própria telha, seu tijolo, o que barateia e muito os custos de uma obra, pois o maior gasto em uma construção é mesmo a mão de obra”.

Para encerrar o assunto acerca de materiais alternativos para edificações, a reportagem apresenta como informação complementar, a divulgação de duas pesquisas que estudam o uso de garrafas descartáveis para a fabricação de tijolos. A primeira pesquisa estuda a possibilidade de substituir blocos cerâmicos de construções por garrafas pets, preenchidas com argamassa e cimento. A segunda estuda a combinação do uso de garrafas com gesso, cimento, resina, cristal e caroços moídos de açaí para a produção de tijolos: “A combinação desta mistura com cimento dá um resultado considerado satisfatório para a utilização do tijolo na construção civil”.

Assim sendo, encerramos as considerações acerca das reportagens eleitas. Observando o conjunto das matérias analisadas percebemos que grande parte esmera uma linguagem simples, facilitando a compreensão das informações científicas. No entanto, algumas reportagens retratam dificuldades para o entendimento da pesquisa, causadas pela não explicação de termos científicos, ou pela inversão de informações e também pela falta de uma contextualização acerca do estudo ou da informação científica.

Parte III

Um diálogo entre cientistas e jornalistas

Capítulo 5

Os dois lados da moeda

“Superar os descompassos que existem entre jornalistas e pesquisadores é um dos maiores desafios da área da divulgação científica”. (M. Emília P.Manente)

Diante da leitura bibliográfica acerca do tema jornalismo científico, nos chamou a atenção à tenacidade de observações teóricas referentes ao confronto entre duas personagens da prática jornalística científica: o cientista que produz pesquisas sobre ciência e o jornalista que as divulga. Não raro, são muitas as indagações a respeito dessa questão, bem como são variadas as reclamações de ambos os lados, as perspectivas e pontos de vista contraditórios.

No item 1.1.4 do primeiro capítulo nos referimos superficialmente a relação muitas vezes conflituosa entre jornalistas e cientistas, mencionando que a mesma pode ser entendida como um desafio recorrente do jornalismo científico. Todavia, a relevância da questão nos causa inquietude e nos provoca refletir um pouco mais sobre essa dicotomia.

Nesse contexto, objetivando uma compreensão acerca dessa realidade, realizamos entrevistas com jornalistas e pesquisadores para obtermos informações e opiniões relacionadas aos possíveis entraves que permeiam o diálogo entre essas duas profissões.

Dessa forma, escolhemos três pesquisadores – citados como fontes de reportagens do Milenium avaliadas anteriormente e três

jornalistas que produzem reportagens de cunho científico para o suplemento analisado.

O critério de escolha dos pesquisadores foi estabelecido de acordo com os seguintes aspectos: primeiro, os mesmos deveriam ter realizado suas pesquisas na Universidade Federal da Paraíba e o segundo relaciona-se à disponibilidade do pesquisador em dá a entrevista, já que muitos foram procurados e só alguns aceitaram ser entrevistados.

Desta forma optamos por entrevistar dois pesquisadores da área biológica e apenas um da área tecnológica, em virtude da predominância notória de reportagens sobre temas que envolvem assuntos científicos no contexto biológico.

Sendo assim, os pesquisadores entrevistados foram: Demetrius Araújo - fonte das reportagens “Genoma Paraibano” e “Estudo do DNA gera feijão mais nutritivo”, Márcia Rosa - entrevistada da reportagem “Amigos Invisíveis” e Givanildo Azeredo, fonte das matérias - “Ciência no canteiro de obras” e “Parede oferece ‘conforto térmico’”¹.

Para a escolha dos jornalistas entrevistados pedimos para o editor do Milenium indicar repórteres que se destacaram ou se destacam na cobertura de reportagens científicas. Outro critério estabelecido foi que esses repórteres deveriam ter escrito pelo menos uma matéria para o suplemento. Em contrapartida, o editor que também escreve com frequência matérias para o suplemento foi incluído na amostra de entrevistas. Os repórteres entrevistados foram: Damásio Dias², Hélder Moura³ e Jãmarri Nogueira. Todas as entrevistas foram realizadas entre os dias 02 de novembro e 08 de dezembro do corrente ano.

As entrevistas, elaboradas com base na releitura da literatura abordaram fundamentalmente questões sobre a área do jornalismo

¹ Ver anexo 23 e 24 respectivamente

² Damásio Dias é repórter do Jornal Correio da Paraíba e escreve frequentemente no suplemento Milenium.

³ Hélder Moura é jornalista da área política. Atualmente, escreve a página de informática do suplemento Milenium.

científico e sobre aspectos de confronto entre jornalistas e cientistas, sejam como fontes ou como repórteres. Assim sendo, focamos nas entrevistas alguns pontos de conflito dessa relação, como por exemplo, as diferenças entre as atividades de ambas categorias, a linguagem, as opiniões e possíveis sugestões para o melhoramento da relação imprensa e comunidade científica.

Capítulo 6

Cientistas e jornalistas: atividades divergentes

Um ponto de partida para compreendermos os conflitos existentes entre a categoria dos jornalistas e dos cientistas discorre de um pressuposto que segrega diferenças entre a área jornalística e a área científica ou vice-versa. Pena (2005, p. 205) pondera sobre essa questão afirmando que: “Essa suposta dicotomia carrega ranços positivistas, separando de forma irremediável a ciência, considerada um saber profundo e imutável e o jornalismo, tratado como uma fábrica de produtos perecíveis, as notícias”.

A dicotomia estabelecida entre ciência e jornalismo se estende também aos representantes de cada área – cientista e jornalista, desdobrando-se em divergências relacionadas às peculiaridades de cada atividade.

Oliveira (2005, p. 43) caracteriza que a atividade do cientista e a do jornalista detém aparentes diferenças. De acordo com a autora existem divergências quanto à finalidade de cada profissão: “Enquanto o cientista produz trabalhos dirigidos para um grupo de leitores específico, restrito e especializado, o jornalista almeja atingir o grande público”.

Essa distinção citada por Oliveira (2005) é exemplificada pela

entrevistada, Márcia Rosa¹ que afirma diferenças relevantes sobre as funções de cada profissional:

Muitas vezes a gente fica apenas com nossas divulgações internas e não procuramos divulgar fora. O papel de vocês jornalistas é procurar a gente para divulgar nossas pesquisas, essa é a função dos jornalistas científicos. A nossa função é formar estudantes na área técnica e publicar em nossa área. Agora, os jornalistas têm o papel de buscar a notícia, de expandir a informação científica. E eu acho muito interessante quando vocês vêm buscar informação na Academia. As funções do cientista e do jornalista são muito diferentes.

Caldas (*apud* BARRICHELO E GARCIA, 2003, p. 147) também ratifica a opinião de Oliveira e afirma que pesquisadores e jornalistas desempenham atividades de natureza adversa e por isso observam a realidade e a informação científica de formas distintas: “Se por um lado o jornalista é movido pela atualidade dos fatos que imagina serem de interesse da opinião pública, o cientista persegue a explicação para estes mesmos fatos através de hipóteses que formula apoiado numa prática metodológica de pesquisa”.

Um outro aspecto que delimita diferenças entre a área científica e a jornalística é o fator temporalidade. Na prática jornalística são recorrentes as assertivas à respeito do imediatismo e da objetividade impressas a essa categoria, em contrapartida também é comum o entendimento de que na área científica os trabalhos são realizados a longo prazo, não carecendo da pressa tão notória do jornalismo.

No cerne das diferenças entre ambas as áreas, esse fator causa desacordos, se por um lado o jornalista trabalha “contra o tempo”,

¹ Entrevista cedida no dia 06 de novembro de 2006, João Pessoa.

estipulado de acordo com o fechamento de edições diárias, o cientista, por sua vez, trabalha com prazos mais longos, determinando teorias e comprovando experiências.

Manente² objetiva que a temporalidade demarca uma discussão divergente entre as atividades científicas e jornalísticas e que por isso, muitas vezes dificulta o entendimento entre jornalistas e pesquisadores:

Nós, jornalistas, nos nutrimos da agilidade dos fatos, queremos tudo para ontem; trabalhamos premiados pelo fechamento da edição, enquanto que os pesquisadores se nutrem de outro tempo, o tempo do amadurecimento das idéias para a comprovação de hipóteses, que sempre ocupa um longo período.

Esta perspectiva destacada por Manente foi um fator muito citado por alguns entrevistados, tanto os repórteres quanto os pesquisadores enfatizam perspectivas diferenciadas sobre a questão. Por exemplo, o jornalista Jãmarri Nogueira destaca que na cobertura de reportagens científicas, as fontes muitas vezes não compreendem uma característica intrínseca do jornalismo - o imediatismo.

Por exemplo, a gente liga para um pesquisador e diz: - A gente pode marcar uma entrevista? – Ah pode sim! Pode ser dia 20. – Não professor, a gente precisa fechar essa reportagem para depois de amanhã. Aí eu digo: - A entrevista não pode ser hoje? Para o pesquisador é muito difícil. É muita velocidade. E essa velocidade é uma característica inerente ao jornalismo.

² MANENTE, M. Emília P. O texto de C&T nos magazines semanais: uma análise semiótica-discursiva. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/revista2artigoEmiliaManente.htm>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2006.

Em contrapartida, a pesquisadora Márcia Rosa justifica: “Os repórteres quase sempre chegam em cima da hora, querendo tudo para o hoje. E nós muitas vezes temos compromissos agendados. Mas eu me disponho sim a divulgar minhas pesquisas”.

O pesquisador Demetrius Araújo³ também contempla: “De uma hora para a outra, a gente recebe um telefonema, dizendo: - Professor, por favor, nós precisamos de uma entrevista, para sair uma matéria para o domingo. Esse imediatismo gera muitos problemas, tem que haver um planejamento”.

O pesquisador Givanildo Azeredo⁴ compartilha da mesma opinião dos outros dois cientistas e destaca: “Hoje, em dia a gente vive sobrecarregado de trabalho. O tempo às vezes é muito curto! E muitas vezes, fica difícil conciliar os horários e a urgência que o repórter tem, mas sempre que possível eu dou entrevista sim. Não me nego em absoluto!”.

Dessa forma, essas aparentes diferenças relacionadas às profissões de cientista e jornalista permeiam as principais críticas e reclamações de ambos quanto à produção e veiculação de informações científicas nos meios de comunicação.

6.1 A linguagem jornalística *versus* a linguagem científica

A utilização de uma linguagem adequada para o público é uma meta cobiçada, de um modo geral, pelo jornalismo, por isso se constitui em um desafio constante dessa prática. No contexto de possíveis conflitos entre jornalistas e cientistas, a linguagem é um ponto de entrave que delimita opiniões divergentes entre essas profissões.

Cavalcanti (2003) discorre que na prática do jornalismo científico a linguagem é primordial para o entendimento da informação

³ Entrevista realizada em 08 de novembro de 2006, João Pessoa.

⁴ Entrevista realizada em 07 de novembro de 2006, João Pessoa.

e que ela deve ser acessível ao público e também satisfazer a precisão científica. A autora contextualiza a problemática: “Levando em consideração que a precisão da ciência deixa pouca margem a interpretações, qualquer tentativa de escrever um texto mais leve pode implicar em erros se o assunto não estiver bem compreendido”.

Nesta conjuntura, cabe ao profissional jornalista compreender a informação científica para depois repassá-la ao público através de uma linguagem jornalística, ou seja, transformar a linguagem técnica notadamente utilizada pelos pesquisadores em um texto compreensível para a sociedade.

Esse ponto se caracteriza como uma questão de atrito entre ambas as personagens, já que essa transformação imposta pelo jornalista muitas vezes é entendida pelo cientista, como uma deturpação do discurso ou como distorção do conteúdo da pesquisa.

É nesta perspectiva que Barrichello e Garcia (2003, p. 162) enfatizam diferenças de linguagens entre cientistas e jornalistas. E destacam que essas divergências se constituem em um obstáculo para a produção de jornalismo científico:

Em se tratando de jornalismo científico, a maior dificuldade encontrada, provavelmente seja a adaptação da linguagem científica para a linguagem jornalística. A tarefa é dificultada pelos termos científicos que devem ser pouco usados ou explicados sempre que necessário.

Essa questão acerca das diferenças entre linguagem jornalística e linguagem científica é apontada pelos entrevistados como um dos problemas mais recorrentes na produção de matérias científicas. O repórter Damásio Dias⁵ critica a linguagem hermética dos cientistas na configuração da informação científica: “Os pesquisadores deveriam aprender mais sobre a linguagem e deixar de se comportar como reprodutores dos livros científicos e “jargões” do seu meio”.

⁵ Entrevista cedida em 03 de dezembro de 2006, via-email.

Em outro momento da entrevista, o repórter ressalta: “Vivemos sob constante pressão para fazer o melhor, porém, as fontes nem sempre aprenderam a língua portuguesa inteira – repetem os termos técnicos para explicar coisas do nosso dia-a-dia, deixando o mediador praticamente perdido”.

O jornalista Jãmarri Nogueira compartilha do mesmo ponto de vista e afirma: “Uma das dificuldades na produção de uma notícia, reportagem científica é compreender o material do pesquisador, a linguagem do pesquisador e traduzi-la para a realidade do leitor”.

Para Pena (2005, p. 206), a utilização de termos técnicos por parte dos cientistas se configura em uma estratégia de poder: “A linguagem hermética, na verdade, esconde uma estratégia de poder. Usar termos conhecidos apenas pelo grupo significa excluir os demais e manter o corporativismo. Significa manter o poder”.

De forma diferente, o pesquisador Givanildo Azeredo destaca que, de modo geral, os cientistas sabem se expressar de forma simples, quando, por exemplo, são requisitados para dar entrevistas: “Não é tão difícil assim, a gente consegue sim explicar de forma mais simples, em linguagem mais popular. É possível sim explicar algo mais técnico de forma simplificada”. O pesquisador ainda constata que o uso de palavras científicas dificulta o entendimento da informação científica e realça: “Se falarmos em termos restritos à engenharia propriamente dita fica muito difícil para o público compreender”.

Para o pesquisador Demetrius Araújo, para a informação científica ser compreendida em sua totalidade é necessário o cientista explicá-la em termos simples, o mesmo afirma: “Eu tento ao máximo evitar palavras mais específicas, técnicas durante entrevistas ou conversas com repórteres”.

Neste contexto destacado pelos entrevistados, Oliveira (2005, p. 43) contextualiza as principais diferenças entre a linguagem do cientista e a do jornalista: “A redação do texto científico segue normas rígidas de padronização e normatização universais, além de ser mais árida, desprovida de atrativos. A escrita jornalística deve ser coloquial, amena, atraente, objetiva e simples”.

A pesquisadora Márcia Rosa, ratifica o ponto de vista de Oliveira e afirma que a linguagem técnica dos cientistas se configura em uma dificuldade para a compreensão do conteúdo da pesquisa: “Porque nós da Academia, da Universidade, a gente tem uma linguagem muito técnica, muito restrita a nossa área, o que às vezes se torna realmente um empecilho para a compreensão da comunidade, de um modo geral”.

De acordo com o jornalista Jãmarri Nogueira a linguagem científica deve está restrita às revistas especializadas e que no jornalismo científico, o público deve encontrar uma linguagem simples e popular, exemplificando: “Eu estou falando de uma informação que possa ser compreendida pelo público, se não for compreendida está em uma linguagem para revista acadêmica. E o público, de um modo geral, não quer ver uma linguagem acadêmica em uma reportagem”.

Dos três jornalistas entrevistados, dois - Damásio Dias e Jãmarri Nogueira - reclamam da linguagem hermética e técnica dos cientistas e consideraram-na um empecilho à produção do jornalismo científico.

O repórter Hélder Moura⁶ destaca não sentir dificuldades quanto à compreensão da linguagem científica - esse fato é explicado, porque o jornalista, também é um especialista em informática, conciliando ambas as profissões:

No jornalismo científico eu pude unir pela primeira vez profissionalmente esses dois mundos: jornalismo e informática. Até aquele momento eu não tinha conseguido unir essas duas profissões: professor de informática do Cefet e jornalista. Por isso, não tive dificuldade em lidar com as linguagens de ambos os mundos, porque eu já conhecia as duas realidades: o modo de informar e o conteúdo da informação.

Em relação aos pesquisadores, todos concordam com a perspectiva de que a linguagem científica, muitas vezes complica o

⁶ Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2006, João Pessoa.

entendimento da pesquisa. No entanto, ressaltam não sentir dificuldades em falar ou escrever em uma linguagem mais informal, como podemos exemplificar na resposta da pesquisadora Márcia Rosa: “O pesquisador precisa encontrar um vocabulário mais popular para falar com o repórter e eu acho isso completamente viável. É uma dificuldade natural, mas que pode ser superada!”.

De modo comum, o autor Chaparro (*apud* CAVALCANTI, 1993) compartilha da mesma apreciação destacada pela pesquisadora Márcia Rosa e reforça a necessidade de o cientista explicar de maneira simples e clara ao jornalista o conteúdo da pesquisa:

Como fonte de informação, o cientista precisa tomar consciência de que só é possível esperar textos jornalísticos competentes quando o jornalista é alimentado também de forma competente, com informações de boa qualidade, principalmente no que se refere à precisão, à clareza e à relevância social dos conteúdos oferecidos.

Essa afirmação de Chaparro pode ser compreendida pelo contexto da fala do pesquisador Givanildo Azeredo, que exemplifica: “Porque muitas vezes quando você não é compreendido, nem sempre o erro está em quem não compreendeu, mas pode estar em você - no pesquisador que não soube explicar de forma coerente”.

Ainda acerca da questão sobre a tarefa de “tradução” do jornalismo, questionamos os repórteres entrevistados se os mesmos exerciam apenas a função de tradutor ou também de intérprete do conteúdo científico.

Para o repórter Hélder Moura a interpretação de materiais científicos pode gerar sentidos diferentes ao fato noticiado, e por isso, o jornalista deve estar restrito apenas ao plano da tradução:

Eu acho que ele tem que procurar ser um tradutor, porque na medida em que ele é um tradutor ele tem que procurar ser verdadeiro ao extremo na informação que ele recebe e apenas traduzi-la para uma

linguagem acessível. Se ele interpretar corre o risco de dá uma informação diferente da informação original.

Para o repórter Damásio Dias os jornalistas devem ser mediadores da informação científica e por isso: “Traduzir o que o pesquisador diz para o interesse coletivo”.

O autor Krieghbaum (1970) ressalta que a tradução da linguagem científica para a linguagem jornalística constitui uma barreira no jornalismo científico e se insere no conflito entre a cultura científica e a da comunicação.

Para o repórter Jãmarri Nogueira o processo de decodificar e traduzir informações para a sociedade não se restringe apenas ao jornalismo científico, mas delimita a prática jornalística de forma geral: “Isso vai valer para qualquer editoria, por exemplo, se você vai cobrir um julgamento, você faz uma tradução, porque se você usar a linguagem jurídica, não vai ficar claro para o leitor”.

A afirmação do entrevistado se configura em uma concepção apontada por Medina (*apud* CAVALCANTI 1993) de que: “Como técnica de trabalho, qualquer jornalista precisa traduzir linguagens setorizadas para a linguagem jornalística de grande alcance social”.

No entanto, no jornalismo científico, muitas vezes, a transposição ou tradução da linguagem técnica do cientista para uma linguagem mais popular pode gerar interpretações diferenciadas e distorções de sentido acerca da informação científica. Sobre essa questão Garcia e Barrichello (2003, p. 152) afirmam:

É trabalho difícil para o jornalista, que muitas vezes não conhece o assunto, falar a cada dia sobre um tema diferenciado. Não é fácil se manter fiel ao que foi dito pelo cientista, não distorcendo ou dando novos sentidos as afirmações, e ainda, ser compreendido pelo leitor.

Para o repórter, Jãmarri Nogueira, a tradução, se configura em um entrave na relação com as fontes científicas: “Muitas vezes

acontece o seguinte: uma tradução que é muito clara para o leitor comum, às vezes deixa o pesquisador ressabiado, porque ele está acostumado com tudo ao pé da letra”.

Os termos distorções e interpretações foram mencionados por todos os pesquisadores entrevistados. Para o pesquisador Givanildo Azeredo, o repórter muitas vezes não entende a pesquisa e por isso modifica alguns sentidos do conteúdo: “Às vezes os repórteres não compreendem bem o conteúdo da pesquisa e distorcem palavras. Acho que isso acontece justamente pela dificuldade de traduzir a linguagem nossa para a popular”.

O pesquisador Givanildo Azeredo ainda complementa que outra característica comum em matérias científicas é a simplificação demasiada da temática: “Eu acho que no momento da redação, eu tenho a impressão de que o repórter tenta simplificar demais e às vezes acaba omitindo algumas coisas e prejudicando o entendimento da informação”.

A pesquisadora Márcia Rosa menciona que as distorções acontecem porque o jornalista não compreendeu completamente a informação repassada na entrevista: “Em minha experiência particular saíram ‘errinhos’ em algumas matérias que fui entrevistada. E isso comprova que o repórter não entendeu totalmente a informação que eu a disse”.

De acordo com a perspectiva apontada pela cientista Márcia Rosa, o pesquisador Demetrius Araújo ressalta que a incompreensão do jornalista acerca da informação científica é resultado de um despreparo do mesmo ao lidar com determinadas temáticas:

Eles vêm para a entrevista completamente sem preparo, sem nenhuma informação sobre o tema da matéria e acaba que a gente informa uma coisa e eles interpretam de outra forma. Então eu acho que quando eles vêm fazer uma divulgação científica para pessoas da comunidade, eles devam pelo menos dar uma olhada no tema, dar uma estudada no assunto, para não chegar aqui sem nenhuma noção da pesquisa.

Manente⁷ ressalta que a falta de preparação dos jornalistas científicos se configura em um problema muito recorrente da prática jornalística e em uma crítica comum dos cientistas.

Para a pesquisadora Márcia Rosa, o despreparo dos jornalistas provoca distorções no conteúdo da informação e que as mesmas comprometem o cientista - freqüentemente responsabilizado pela informação - e se constituem em um conhecimento divulgado de forma incorreta para a sociedade:

Isso então se torna um desserviço e compromete um pouco a gente, porque muitas vezes outros pesquisadores lêem a matéria e dizem: - Mas o que esta professora está dizendo é uma inverdade. Isso não é nada interessante! E mais sério ainda é levar para a comunidade uma informação não verdadeira.

De forma diferente o autor Bertolli Filho (2006, p. 13) pontifica que na prática do jornalismo científico o que ocorre com freqüência não é uma deturpação acerca do que o entrevistado expôs ao jornalista, mas ocorrem interpretações diferenciadas em função de vocabulários e percepções divergentes de cada categoria. O autor afirma: “Mas o que acontece são diferenças interpretativas entre o cientista e o jornalista e os protocolos de representação do acontecimento instrumentalizados por cada um”.

Essa perspectiva apontada por Bertolli Filho pode ser entendida por meio da fala da pesquisadora Márcia Rosa, que sinaliza uma discordância de interpretação acerca da palavra potencialidade. A entrevistada exemplifica as diferenças entre as palavras potencialidade e cura – a utilização dessas palavras como sinônimo, segundo a pesquisadora, gera informações incorretas:

Inclusive quando você chegou eu estava lendo um e-mail – depois eu mostro para você – de um colega

⁷ MANENTE, M. Emília P. O texto de C&T nos magazines semanais: uma análise semiótica-discursiva. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/revista2artigoEmiliaManente.htm>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2006.

que estava indignado com inverdades publicadas em uma matéria. Parece que a matéria era sobre compostos que teriam potencialidade no tratamento de pessoas com leucemia. Quando você vê uma possível potencialidade em um composto para ter realmente um efeito há um caminho muito longo. Então a matéria saiu, segundo o meu colega, com o título “Cura da leucemia made in Paraíba”. Isso cria uma expectativa muito grande nas pessoas que estão lidando com esse problema. E o caminho não é bem esse!

O entrevistado Demetrius Araújo também destaca afirmação semelhante à apontada pela pesquisadora Márcia Rosa: “Às vezes os jornalistas dizem umas coisas tão sem sentido, que qualquer colega da Academia que lê determinadas frases colocadas em jornais, vai dizer claramente: - Isso não existe, isso não é verdade! São coisas absurdas, distorções sem fundamento”.

O pesquisador também categoriza que a publicação de informações incorretas ou a espetacularização de alguns conteúdos acarreta consequências negativas às perspectivas da população:

Fica gerando uma expectativa na população que acaba se frustrando porque não vê realmente o que a matéria publicou e a divulgação acaba tendo um efeito contrário, ou seja, em vez de dizer que a Universidade está desenvolvendo ciência e tecnologia, a população pode dizer: - Esses caras são um bando de mentirosos!

Entretanto, apesar das reclamações dos cientistas quanto às distorções de significado do conteúdo da pesquisa, possíveis soluções são apontadas por ambos os lados - tanto os pesquisadores quanto os jornalistas ressaltam meios para a diminuição ou eliminação de possíveis erros na redação de matérias científicas.

Para as duas categorias, a leitura prévia da matéria por parte do cientista evita a veiculação de informações incorretas para o

público. A pesquisadora Márcia Rosa enfatiza: “Eu acho fundamental – inclusive, eu pedi à menina que veio me entrevistar para ver a reportagem antes que ela a publicasse, para que se eventualmente tivesse algum erro, a gente possa ajustar”.

O pesquisador Demetrius Araújo complementa sobre a necessidade de mostrar o texto antes da publicação: “Eu sempre peço para ler. Teve uma certa vez que me mandaram, teve outras vezes que disseram que iam me mandar e não me mandaram, a alegação de não ter me mandado é que não tiveram tempo. Ué? Mas tiveram tempo de publicar né!”.

O pesquisador Givanildo Azeredo partilha da mesma compreensão, na qual a leitura precedente a veiculação da matéria pelo cientista se configura como essencial para se evitar erros: “É a melhor solução, mostrar antes da publicação. E acho que dá sim para mostrar, mesmo que se tenha pressa, mas dá para se organizar sim! Só é se programar um pouco antes, aí redige e passa para o pesquisador”.

O autor Moherdaiu (*apud* Cavalcanti 1993)⁸ ressalta a necessidade de se mostrar o texto jornalístico antes da publicação: “No jornalismo científico, de toda forma, não me parece grave que uma vez ou outra se concorde em mostrar o texto à fonte antes da publicação. Ao tratarmos de determinados assuntos, pode até ser recomendável fazer isso”.

Para Bertolli Filho (2006, p. 13) a tática de mostrar o texto antes da veiculação pode evitar mal-entendidos entre jornalista e cientista, entretanto, a autor destaca: “O curto prazo de tempo imposto pelas redações dificulta que isso ocorra, gerando situações que são interpretadas pelos entrevistados como descaso ou prepotência dos profissionais da mídia”.

O jornalista Jâmarri Nogueira concorda com a opinião dos

⁸ CAVALCANTI, Fabiane Gonçalves. Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo13.php>. Acesso em: 12 de nov. de 2006.

pesquisadores e ressalta a importância da verificação da matéria pelo cientista como uma forma de cativar possíveis fontes:

Eu acho que é necessário sempre que percebemos alguma insegurança por parte do pesquisador, do entrevistado. No começo para conquistar sua fonte, você tem que provar que é de confiança, para você provar que o jornal não comete impropriedades. Quando o assunto é complicado mesmo você também pode mandar para esclarecer alguns pontos, questionar se os termos usados estão corretos.

A afirmação do jornalista Jãmarri Nogueira se desdobra em uma outra possível solução destacada pelo repórter Damásio Dias, na qual o jornalista deve legitimar que é um leigo no assunto, objetivando esclarecimentos mais simples por parte do pesquisador:

Quando temos de escrever sobre um tema científico, o primeiro passo é procurar a melhor fonte sobre o assunto. E deixar claro que você não é um especialista e sim um generalista que precisa da ajuda do seu entrevistado para transmitir a idéia dele, sem distorcer ou, pior, deixar o leitor perdido diante de tanta informação jogada com termos que só os cientistas compreendem. Afinal, somos mediadores e não reprodutores de idéias e discursos difíceis.

A pesquisadora Márcia Rosa ressalta que o jornalista tem por obrigação perguntar e esclarecer o conteúdo da pesquisa, durante a entrevista: “Da mesma forma, se o jornalista não entender deve perguntar: - Mas como é isso? Eu não estou entendendo! O jornalista tem que ser sincero, tem que perguntar e dizer que não está compreendendo”.

O pesquisador Givanildo Azeredo contextualiza essa problemática exemplificando:

Inclusive durante a entrevista para a reportagem do Milenium, algumas coisas que eu falei a repórter não entendeu e disse: - Eu não estou compreendendo exatamente o que você disse e aí eu expliquei novamente. Percebi que eu precisava definir determinados termos de forma mais simples, com uma linguagem mais coloquial.

Neste contexto, percebe-se que há um consenso entre as partes. Todos os pesquisadores entrevistados apontam para a necessidade de ser mostrar o texto com antecedência para evitar distorções, em contrapartida os jornalistas também ressaltam a disponibilidade em mostrar a matéria antes da veiculação.

Todavia no dia-a-dia, os pesquisadores reclamam que os jornalistas não enviam as reportagens, como bem destaca a entrevistada Márcia Rosa: “Eu insisti muito nesse retorno e ela não me enviou. Precisaria retornar! Da próxima vez eu quero um compromisso verdadeiro de que vou ver a matéria antes da publicação”.

Assim sendo, percebe-se que na prática há um ponto de entrelaço entre as categorias: o repórter muitas vezes concorda em enviar o texto jornalístico, mas freqüentemente não o envia. O pesquisador Givanildo confirma a idéia desse conflito e contextualiza que, por exemplo, não foi comunicado sobre a veiculação da matéria:

Eu não pedi para ver a matéria, talvez por inexperiência. Mas eu imaginava que o repórter ia me mostrar assim mesmo! Inclusive foi publicado e eu nem soube. Não fui comunicado sobre o dia da publicação. Só fiquei sabendo por que algumas pessoas enviaram mensagem para o meu celular.

Dessa forma, essa questão acerca de enviar ou não o texto da matéria para o entrevistado se configura como um dado somatório de conflito na relação jornalistas e cientistas. E se delinea como bem ressaltam Barrichello e Garcia (2003) em uma característica

rotineira da prática do jornalismo científico, na qual de um lado existe a desconfiança e o temor dos cientistas e do outro existe o imediatismo para a publicação da matéria por parte do jornalista.

6.2 Reclamações de ambos os lados

Diante do contexto das entrevistas, observam-se algumas reclamações permanentes de ambas as partes. Entre os pesquisadores entrevistados, as críticas mais comuns se configuram em torno de duas questões: as distorções de informações e dados na publicação das matérias e o uso de sensacionalismo em algumas informações veiculadas no texto jornalístico.

Em contrapartida, os jornalistas reclamam que os cientistas, muitas vezes são hostis e desconfiados ao serem requisitados para divulgar o conteúdo da pesquisa, o que dificulta a produção da matéria jornalística. Vejamos as delimitações impostas tanto pelos jornalistas quanto pelos pesquisadores.

De modo geral, da amostra de três pesquisadores, todos destacam erros e distorções de informações nas reportagens “Amigos Invisíveis”, “Ciência no canteiro de obras”, “Genoma Paraibano”, “Estudo do DNA gera feijão mais nutritivo”, analisadas no item 2.3.2 do segundo capítulo. Dessa forma, esses erros se configuram em um protesto à produção jornalística do suplemento Milenium e em reclamações acerca da veiculação de dados incorretos que se configuram em um conhecimento incoerente para o público leitor.

A pesquisadora Márcia Rosa explica que na matéria “Amigos Invisíveis” há uma informação incorreta, e que a veiculação da mesma compromete sua imagem diante de outros cientistas:

Na reportagem especifica-se que 1014 células está em torno de 1 quilo e 200 gramas. Isso é uma inverdade! Onde já se viu, 1014 células pesarem 1 quilo de 200 gramas, 1014 é muito pouco. O número não é 1014 e sim 10 elevado a potência 14, ou seja, 10 elevado a 14”. Se um pesquisador da minha área ver isso

vai achar um absurdo! Não tem lógica afirmar que o corpo humano é constituído por 1014 células, e essa explicação está como se fossem minhas palavras.⁹

O pesquisador Givanildo Azeredo exemplifica o uso de informações imprecisas no texto da matéria “Ciência no canteiro de obras”. Para ele, a compreensão da pesquisa depende do detalhamento do conteúdo da mesma e da inserção de dados completos sobre a questão:

Um ponto de correção se localiza no trecho: ‘E pode ser até 71% mais barato se compararmos ao tijolo vendido em lojas de material de construção e o fabricado com terra’. No entanto, a matéria não especifica que isso fica mais barato quando não se paga mão de obra, por exemplo, em sistemas de multirão ou quando você mesmo está fabricando o tijolo e utilizando a terra do próprio terreno, sem pagar transporte, aí então se tem essa porcentagem de barateamento. Teria que ter complementado, a informação ficou imprecisa e com um dado de certa forma incorreto.¹⁰

O mesmo pesquisador sinaliza outra correção na reportagem e destaca o uso de sensacionalismo na utilização do termo “em larga escala” inserido no texto da matéria:

Um outro exemplo está no trecho: - Apesar de serem materiais e técnicas utilizados no Brasil para a construção de casas populares e prédios para beneficiar a população carente, na Europa, são usados em larga escala para edificações, inclusive de mansões.

¹¹ Não é bem assim, não são usados em larga escala,

⁹ Ver anexo 21

¹⁰ Ver anexo 23

¹¹ Ver anexo 23

mas digamos assim, quando o material é procurado para ser usado na construção, geralmente é utilizado para construções de mansões. Agora o uso do termo escala não condiz com a realidade, porque aparenta dizer que esse material seja convencional lá e isso não é verdade! Esse ‘em larga escala’ destaca um lado sensacionalista do jornalismo, eu apenas quis dizer, que esses materiais são mais usados do que aqui no Brasil.

Essa tendência sensacionalista incorporada à prática do jornalismo científico também é citada pelo pesquisador Demetrius Araújo: “Às vezes, os jornalistas usam palavras pouco apropriadas, para chamar a atenção do leitor e criam expectativas falsas”. A entrevistada Márcia Rosa complementa: “Eu acho que há uma tendência de supervalorizar as observações do pesquisador é por isso que se cometem alguns exageros”.

O cientista Demetrius Araújo, fonte das reportagens, “Genoma Paraibano”, “Estudo do DNA gera feijão mais nutritivo”, também destaca distorções no título de ambas e enfatiza que essas deturpações comprovam um sensacionalismo desmedido.

Por exemplo, eu estou com a reportagem do *Milennium*, do *Correio da Paraíba* - “Genoma Paraibano”, onde diz na chamada ‘e abre caminho para a descoberta da cura do calazar e da malária’¹². E abre caminho para a descoberta do calazar? Eu não falei isso! Eu falei que há perspectivas a partir do seqüenciamento do gene, mas não disse que isso ia gerar a cura do calazar. Outra coisa, nem começamos ainda o projeto da malária, e como dizer que nós vamos trabalhar a cura da malária. Nós estamos com um projeto de seqüenciamento do mosquito transmissor da malária

¹² Ver anexo 1

e não da malária em si. Então dizer que vamos alcançar a cura da malária é uma inverdade muito grande! Então colocar isso é mero, baixo sensacionalismo!

Sobre a outra matéria “Estudo do DNA gera feijão mais nutritivo”, o pesquisador Demetrius Araújo corrige o termo “gera”, que indica uma ação realizada no presente, e que se configura em uma informação incorreta:

Na outra página tem a manchete “Estudo do DNA gera feijão mais nutritivo”, como pode gerar alguma coisa se o estudo ainda está começando? O termo correto era gerará! Ainda vai gerar. Eu falei assim: - Isso pode acontecer, mas nós ainda não temos certeza, mas na manchete, ele trata com o verbo no presente. E isso não é verdade! Para você ter uma idéia, depois dessa informação eu recebi um telefonema de uma associação de agricultores do interior do Estado, querendo sementes. A reportagem então não informou, mas gerou uma desinformação!

Os três pesquisadores entrevistados realçam que as informações imprecisas e incorretas são exemplificações de problemas relacionados à incompreensão do conteúdo da pesquisa por parte do jornalista.

O pesquisador Givanildo Azeredo contextualiza que o entendimento do jornalista sobre a pesquisa é primordial para a geração de um texto correto: “Eu acho que ela não entendeu muito bem o que eu quis dizer, talvez eu possa também ter me expressado mal. Daí ter ocorrido esses ‘errinhos’”.

Do outro lado da moeda, os jornalistas destacam que os pesquisadores são reticentes em divulgar o conteúdo científico. Para o jornalista Hélder Moura essa característica parte do princípio de que os cientistas tendem a ser cativos do meio acadêmico: “Eu acho que o que existe na verdade é que a comunidade científica,

ela tem uma tendência de enclausurar dentro de sua própria realidade, e às vezes a gente tem a dificuldade de ‘levar’ para fora o que eles estão desenvolvendo internamente”.

De forma semelhante, o repórter Damásio Dias destaca que os cientistas muitas vezes tendem “a proteger” o conteúdo de suas experiências e pesquisas: “Os cientistas, quase sempre, são vaidosos e desconfiados com quem lhe pergunta. Talvez para manter o seu conhecimento protegido, utiliza termos pouco usados e que confundem o próprio repórter”.

Todavia para uma prática efetiva do jornalismo científico, um maior entendimento entre jornalistas e cientistas é necessário. As críticas e reclamações de ambas as categorias sinalizam dificuldades características do próprio jornalismo.

Para Cavalcanti (1993) os problemas de relacionamento com as fontes não se delineiam como exclusividade do jornalismo científico: “Os jornalistas de qualquer especialidade podem se deparar com todo tipo de exigências, de vícios e de mazelas no exercício de sua atividade”.¹³

Manente¹⁴ ressalta que as divergências entre jornalistas e cientistas podem ser superadas quando ambos compreenderem as especificidades de cada profissão. A autora resume os paradoxos de atuação de cada personagem:

Jornalistas e pesquisadores, embora trabalhando em campos distintos precisam descobrir caminhos conjuntos que levem a uma divulgação das pesquisas e descobertas científicas. Se por um lado os jornalistas não devem reduzir a descoberta científica a um texto

¹³ CAVALCANTI, Fabiane Gonçalves. Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo13.php>. Acesso em: 12 de nov. de 2006.

¹⁴ MANENTE, M. Emília P. O texto de C&T nos magazines semanais: uma análise semiótica-discursiva. Disponível em: [www.http://www.jornalismocientifico.com.br/revista2artigoEmiliaManente.htm](http://www.jornalismocientifico.com.br/revista2artigoEmiliaManente.htm). Acesso em: 13 de dezembro de 2006.

simplificador e, muitas vezes, errôneo e sensacionalista, por outro lado, os pesquisadores devem procurar construir uma linguagem acessível que ajude a divulgar e socializar suas descobertas de forma clara e segura.

Essa definição apontada por Manente sinaliza uma concessão de ambos os lados, para fomentar uma prática jornalística mais eficiente, bem como uma divulgação espelhada em critérios rigorosos com a verdade, desvinculando deturpações e sensacionalismos das informações científicas. Conciliar o exercício do jornalismo com as perspectivas de divulgação dos cientistas é primordial para a propagação de assuntos acerca da ciência.

Capítulo 7

Pontos de convergência

De acordo com Bertolli Filho: “O progresso da ciência depende direta ou indiretamente de que o público a compreenda, pois dele saem seus representantes encarregados de fazer as leis e traçar políticas, inclusive científica”. Essa afirmativa caracteriza a relevância do jornalismo científico como um meio de informação sobre os avanços da ciência para a sociedade, possibilitando-a opinar e discernir sobre tais.

Nessa perspectiva, por meio das entrevistas e dos diálogos estabelecidos com pesquisadores e jornalistas existem pontos de convergência unânimes entre todos, como por exemplo, a importância expressiva do jornalismo científico na geração de conhecimento para a população e a necessidade de sedimentar uma relação mais estreita entre o jornalista e o pesquisador. Todos os entrevistados ressaltam a contribuição da categoria do jornalismo científico como forma de valorização da ciência e de propagação da mesma para a população.

Para o repórter Damásio Dias, a principal contribuição do jornalismo científico é apresentar perspectivas sobre a influência da ciência no cotidiano da população: “Informar e contribuir para o conhecimento do leitor, para lhe proporcionar algo que multiplique em sua vida e não apenas some, ficando parado na sua memória ou sobre uma prateleira do quarto”. O repórter complementa:

“Acredito que a ciência deve colaborar para o crescimento, seja em qual sentido for, de um grande número de pessoas”.

Em conformidade, a pesquisadora Márcia Rosa destaca que o jornalismo contribui de modo geral para proporcionar uma compreensão à população sobre as realizações da Academia:

Eu creio que é muito interessante a iniciativa da área jornalística de levar para a comunidade conhecimento científico, de maneira que as pessoas possam compreender. Eu acho que é um papel muito importante, fundamental. A comunidade precisa conhecer o que está sendo feito na Universidade.

O pesquisador Givanildo Azeredo complementa que a divulgação de pesquisas pelos meios de comunicação deve ser uma tendência compartilhada por todos os cientistas: “A divulgação é fundamental, o pesquisador que não faz isso, eu acho que está errando, porque de repente a comunidade poderia estar usufruindo de algum bem, mas como não tem acesso, não tem informação, e não está”.

O repórter Hélder Moura destaca que a importância da informação científica para o contexto das sociedades. Para o jornalista, a ciência afeta diretamente a vida da população: “A humanidade nunca passou por um período de tantas inovações tecnológicas, com isso afeta cada dia mais a vida das pessoas. Por isso, elas vão ter cada vez mais a necessidade de se informar, aprender sobre isso. É aí que o jornalismo científico entra!”.

A opinião do jornalista Hélder Moura destaca uma concepção apontada por Oliveira (2005, p. 15) que condiciona a informação como um subsídio essencial para a formação das pessoas: “A mais perversa consequência da falta de educação e informação é a incapacidade de poder opinar ou decidir sobre as coisas que podem afetar a vida individual, comunitária e até de uma nação”.

A convergência de opiniões e perspectivas dos entrevistados acerca da relevância da prática jornalística científica compartilha do apontamento destacado no item 1.1.4.1 do primeiro capítulo,

no qual o jornalismo científico é um agente de contribuição de disseminação da ciência, daí sua importância maior, já que como bem acentua Sagan (2002), a ciência deve ser entendida como uma ferramenta essencial para qualquer sociedade. Assim sendo, a compreensão das perspectivas dos avanços científicos é primordial para toda a Humanidade.

Considerações finais

De acordo com os apontamentos e análises realizadas nesta pesquisa, cabe-nos realçar algumas considerações finais acerca da categoria jornalismo científico e da mesma forma sobre o objeto de estudo que nos propusemos a avaliar.

Fundamentalmente, as explanações teóricas sobre o campo do jornalismo científico nos proporcionaram uma compreensão sobre dois aspectos relevantes na conjuntura desse tipo de jornalismo: o primeiro esmera-se nos desafios e dificuldades apontados por teóricos e confirmados por profissionais da comunicação (no segundo e terceiro capítulos) quanto à produção e veiculação de informações científicas. Muito nos chamou a atenção, a quantidade de obstáculos a serem superados para a realização dessa prática, como por exemplo, o analfabetismo científico, destacado pelo autor Bertolli Filho, no item 1.1.4.

O segundo aspecto relaciona-se as múltiplas funções enfatizadas por muitos autores acerca do papel do jornalismo científico, pois o mesmo supera a função informativa – meta comum do jornalismo propriamente dito – e como bem ressalta Bueno (1985) assume missões de caráter educativo e social.

Em conforme, o segundo capítulo delineou-se de acordo com o velho clichê de que “da teoria passamos à prática”. Nesta perspectiva, as análises das reportagens de nosso objeto de estudo – O Milenium, nos proporcionaram observações sobre a produção de jornalismo científico no cenário paraibano.

Por meio das análises percebemos, muitas vezes, a dificuldade do jornalista em traduzir o conteúdo científico para o público e por

isso encontramos com alguma frequência informações confusas e termos técnicos não explicitados no decorrer do texto da reportagem. Em contrapartida, nos surpreendemos com o detalhamento de perspectivas e desdobramentos da informação científica para a vida do público. Algumas reportagens realçam exemplificações e transferem a descoberta científica ou tecnológica à realidade do leitor.

Desta forma, o suplemento Milenium sinaliza a percepção de que no Brasil tem-se percebido um aumento crescente da publicação de notícias e reportagens de cunho científico, bem como da ampliação de espaços dedicados a assuntos relacionados à ciência e tecnologia.

Por último, retornamos a uma questão muito aclamada pela literatura – a relação entre cientistas e jornalistas. Por meio da realização de entrevistas, três questões se evidenciaram na pesquisa.

A primeira foi a confirmação de pontos de conflito apontados por teóricos e reafirmados entre os entrevistados. Esses pontos se convertem em diferenças denotativas de cada atividade exercida, como por exemplo, a dicotomia do uso de linguagens diferenciadas no cotidiano de cada profissão.

O segundo aspecto foi a constatação de que todos os pesquisadores entrevistados realçaram erros, distorções e sensacionalismo em algumas reportagens do Milenium. Esse ponto caracteriza uma deficiência na produção do jornalismo científico imposto pelo suplemento e demonstra que o mesmo precisa melhorar em relação à precisão e checagem das informações a serem veiculadas. Para isso, são apontados alguns caminhos, como por exemplo, a busca por uma relação mais franca com o cientista e também a profissionalização e especialização de jornalistas que queiram atuar na cobertura das áreas da ciência e da tecnologia.

A terceira questão se relaciona a convergência de opiniões acerca da relevância do jornalismo científico para o contexto da sociedade. Teóricos, cientistas e jornalistas ressaltam a importância dessa prática jornalística, destacando que sua atuação fornece subsídios para a propagação do conhecimento. Neste ponto, re-

corremos a Oliveira (2005, p. 13) que resume o poder de ação do jornalismo científico: “O acesso às informações sobre C&T como um dos mecanismos que pode contribuir de maneira efetiva para a formação de uma cultura científica deve ser facilitado ao grande público, carente delas”.

Por fim, é importante reiterar, diante do que foi estudado que o jornalismo científico no Brasil está em processo de aprimoramento, buscando profissionalizar jornalistas, por meio de cursos de pós-graduação e divulgando debates e reflexões sobre a importância da ciência para a vida dos cidadãos. Dessa forma, acreditamos que no decorrer dos anos, essa categoria jornalística se consolide cada vez mais no cenário nacional e se perpetue por meio de uma divulgação comprometida com os impactos sociais que a ciência e a tecnologia proporcionam à Humanidade.

Ao jornalismo científico brasileiro e também ao paraibano desejamos bons ventos e abundantes frutos vindouros.

Referências

- ARAÚJO, Fátima. *Paraíba: imprensa e vida*. 2 ed. Campina Grande: [s.n], 1986.
- ALVES, Magda. *Como escrever teses e monografias: um roteiro passo a passo*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- AMABIS, José Mariano; MARTHO, Gilberto Rodrigues. *Fundamentos da biologia moderna*. São Paulo: Moderna, 1998.
- BARICHELLO, Eugenia M. da R.; GARCIA, Sâmia de Christo. *A mídia impressa: A percepção de jornalistas e pesquisadores sobre a divulgação da ciência*. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da (org). *Divulgação científica e tecnologias de informação e comunicação*. Santa Maria: Facos, 2003.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. *Elementos fundamentais para a prática do Jornalismo Científico*. 2006. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2006 e 10 de dez. 2006.
- BOAS, Sérgio Vilas (org). *Formação e informação científica: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus, 2005.
- BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo científico no Brasil*. [Tese]. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- BUENO, Wilson da Costa e outros. *Jornalismo Científico e dependência: o caso brasileiro*. Brasília: CNPq/Intercom, 1985.

- BUENO, Wilson da Costa. *O que é Jornalismo científico*. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/conceito_jornacientifico.htm>. Acesso em: 15 de set 2006.
- BUENO, Wilson da Costa. *Os novos desafios do jornalismo científico*. Disponível em <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo9.php>. Acesso em: 15 de set e 10 de dez. 2006.
- BURKETT, Warren. *Jornalismo científico: Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- CAVALCANTI, Fabiane Gonçalves. *Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo*. Monografia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1993. Disponível em: <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo13.php>. Acesso em: 12 de nov. 2006.
- CALVO HERMANO, Manuel. *El periodismo del III milênio*. Revista Arbor, nº 534-35: 59-71.
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 1993.
- COSTA, Francisco Mario Vicenconti (Org). *Grande Dicionário de Enfermagem Atual*. Rio de Janeiro: Revic Editorial Ltda, 2005.
- FALCÃO, Verônica. *Dupla Hélice: Aos jornalistas, auxílio; aos cientistas, preparo para lidar com a imprensa*. In: Formação e informação científica: jornalismo para iniciados e leigos. Org. BOAS, Vilas Boas. São Paulo: Summus, 2005.
- FRANÇA, Martha San Juan. *Divulgação ou jornalismo?* In: Formação e informação científica: jornalismo para iniciados e leigos. Org. BOAS, Vilas Boas. São Paulo: Summus, 2005.

- FERREIRA, Luiz Gonzaga Rebouças. *Redação Científica: como escrever artigos, monografias, dissertações e teses*. Fortaleza: UFC, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GIL, Antônio Carlos. *Método e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, Isaltina M. A. de Mello; HOLZBACH, Ariane Diniz, et al. *Mídia Impressa: A construção da identidade da ciência no Brasil*. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da (org). *Divulgação científica e tecnologias de informação e comunicação*. Santa Maria: Facos, 2003.
- KINDERMANN, Conceição Aparecida. *A reportagem jornalística no Jornal do Brasil: desvendando as variantes do gênero*. [Dissertação]. Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão. 2003. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/69876_Conceicao.pdf>. Acesso em: 11 de dez 2006.
- KRIEGHBAUM, Hillier. *A ciência e os meios de comunicação de massa*. Trad: Maria Christina Lacerda Rodrigues. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, 1970.
- LAGE, Nilson. *A estrutura da Notícia*. São Paulo: Ática, 1987.
- MANENTE, M. Emília P. *O texto de C&T nos magazines semanais: uma análise semiótica-discursiva*. Disponível em: <<http://www.jornalismocientifico.com.br/revista2artigoEmiliaManente.htm>> Acesso em: 14 de nov. 2006
- MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Fabíola. *Jornalismo Científico*. São Paulo: Contexto, 2005.

- PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PIPPI, Joseline e PERUZZOLO, Adair Caetano. *Mídia impressa: Jornalismo científico e interdiscursividade na popularização da ciência*. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da (org). *Divulgação científica e tecnologias de informação e comunicação*. Santa Maria: Facos, 2003.
- SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: A ciência vista como uma luz no escuro*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- SILVEIRA, Ada Cristina Machado da Silveira (org). *Divulgação científica e tecnologias de informação e comunicação*. Santa Maria: Facos, 2003.
- SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- SOUSA, Bertrand Giovanovski Silva. *Jornalismo Científico: Análise comparativa entre os cadernos de Ciência dos jornais Folha de São Paulo e Correio da Paraíba em 2006*. [Monografia]. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2006.
- TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- VERAS JÚNIOR, José Soares de. *Da informação ao conhecimento: o jornalismo científico na contemporaneidade*. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/soares-jose-dissertacao.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2006.

Sites

<http://en.wikipedia.org/wiki/derekjdesollaprice>. Acesso em: 05 de nov. 2006.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Frankenstein>. Acesso em: 12 de nov. 2006.